

Delineamento e aplicação de um modelo de avaliação da qualidade da língua especializada técnico-científica cultivada no galego-português da Galiza (a propósito da *Enciclopedia Galega Universal*)

Carlos Garrido

Universidade de Vigo / Comissom Lingüística da AGAL

Resumo:

O presente trabalho esboça, em primeiro lugar, um modelo para avaliar a qualidade da língua especializada técnico-científica cultivada hoje no galego-português da Galiza; em segundo lugar, e a título de exemplo representativo e em si próprio interessante, tal modelo é aqui aplicado à avaliação da qualidade da língua especializada empregada na redacção dos artigos de tema técnico-científico da *Enciclopedia Galega Universal* das Ir Indo Edicións.

Palavras-chave:

língua especializada técnico-científica, avaliação da qualidade lingüística, codificação, galego.

Abstract:

This article presents, in the first place, a model for assessing the quality of the special languages of science and technology currently utilized in Galician Portuguese; secondly, and as a relevant and intrinsically interesting example thereof, that model is hereby applied to assessing the quality of the special language employed in the scientific-technical entries of the Enciclopedia Galega Universal published by Ir Indo Edicións.

Key words:

special languages of science and technology, language quality assessment, language codification, Galician.

A *Enciclopedia Galega Universal* realiza un soño meu persoal: poder acceder por primeira vez á cultura universal através das palabras nosas que eu aprendín de neno, na aldea; por exemplo, a palabra **melro**. (Bieito Ledo Cabido, editor da *Enciclopedia Galega Universal. La Región*, Verao de 1999)

melro. Nome vulgar da ave *Turdus merula*, da ordem Passeriformes, familia Turdidae, bem conhecida pela sua plumagem totalmente preta e pelo bico e pelo anel periocular amarelo-alaranjados nos machos. A sua alimentação consiste principalmente em bagas e insectos. É ave sedentária e comum em todo o País, também designada por *melro-preto* e *mérula*. (*Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Editorial Verbo, Lisboa)

melro *s m* ANIMAL/ORNIT => merlo (*Enciclopedia Galega Universal*, Ir Indo Edicións, Vigo)

merlo [...] 3. **merlo común** [*port: melro preto; cast: mirlo común; ingl: black - bird*] [*Turdus merula*, Fam dos túrdidos] ANIMAL/ORNIT Paxaro que pode medir ata 25 cm de lonxitude e de cola longa. Os machos presentan unha plumaxe de cor negra co peteiro e o círculo orbital dun amarelo vivo e as femias de cor marrón co peteiro pardo. (*Enciclopedia Galega Universal*, Ir Indo Edicións, Vigo)

1. Introdución

No quadro da incipiente utilización na Galiza actual do galego-português para a composición de textos especializados (quer de investigación, quer didácticos ou de divulgación) dos campos da Matemática, das Ciências Naturais e da Técnica —exercício verdadeiramente importante para a normalização de unha língua socialmente minorada (cf. Kloss, 1978: 28, 29, 39-49)—, revela-se de indubitável interesse disponibilizar modelos que permitam avaliar a qualidade expressiva desta produção textual emergente, com o objectivo de contribuir a emendar eventuais disfunções e promover assim unha redacção (e tradução) especializada de maior autenticidade lingüística e comunicativamente mais eficaz.

Entre os textos dos campos da Matemática, das Ciências Naturais e da Técnica recentemente publicados em galego-português da Galiza, ocupa unha posição de destaque o acervo de artigos de tema científico-técnico da *Enciclopedia Galega Universal* (= EGU), obra editada em Vigo polas Ir Indo Edicións desde o ano 1999 e ainda em formação (o último volume por agora aparecido, o número 13, veu a lume no ano 2002 e abrange de *oitenta a Polevoj*). Esta nossa apreciação da relevância do *corpus* textual científico-técnico da EGU baseia-se, por um lado, na sua considerável extensom (os artigos da obra de tema científico-técnico ascendem a vários centenas, correspondem a todas as especialidades técnicas e científicas e unha boa fracção deles ocupa, polo menos, unha coluna completa de texto) e, por outro lado, na sua grande *eficácia sociolingüística* (Garrido, 2002), a qual, por sua vez, advém das circunstâncias de a EGU, que pertence ao género *enciclopédia (geral)*, preencher unha importante lacuna do repertório textual galego, auxiliar o ensino em língua

galega, atingir um público potencialmente mui vasto e suscitar prestígio para a língua minorada¹⁾.

Neste contexto, o presente trabalho esboça, em primeiro lugar, um modelo para avaliar a qualidade da língua especializada técnico-científica cultivada hoje no galego-português da Galiza, o qual se esteia, de facto, no já proposto por Garrido (2004) no quadro da crítica da tradução de livros técnico-científicos; em segundo lugar, e a título de exemplo representativo e em si próprio interessante, tal modelo é aqui aplicado à avaliação da qualidade da língua especializada empregada na redacção dos artigos de tema técnico-científico da *Enciclopedia Galega Universal* das Ir Indo Edicións.

2. Antecedentes da avaliação da qualidade da língua especializada (em galego-português da Galiza)

Entre os modelos que se tenham concebido para avaliar a qualidade lingüística dos textos especializados, podemos mencionar, como particularmente próximos da focagem deste trabalho, os de Stolze (1999), Galanes Santos (2002) e Garrido (2004). O modelo de Stolze refere-se ao alemão especializado, incluído o técnico-científico, empregado na tradução de textos pragmáticos; o modelo de Galanes Santos, por sua vez, toma em consideração a redacção em galego de textos jurídicos e administrativos (apesar do forte condicionamento exercido pela omnipresença do espanhol jurídico-administrativo neste âmbito, a focagem do estudo de Galanes Santos nom é primordialmente tradutiva); finalmente, o modelo proposto por Garrido enquadra-se na crítica da tradução para galego de livros técnico-científicos.

Stolze (1999: 240-249) analisa as condições que deve cumprir a tradução de um texto especializado para poder ser considerada *de qualidade*, quer do ponto de vista do cliente que fai a correspondente encomenda de tradução, quer do ponto de vista do próprio tradutor ou ainda do de um crítico da tradução (inserido em ambiente didáctico). Das quatro *categorias tradutivas* em que o modelo de Stolze classifica os parâmetros ou variáveis que permitem avaliar a qualidade de unha tradução especializada (temática, léxico, pragmática e estilística), som as

¹⁾ Quanto a unha outra das variáveis que Garrido (2002: 168, 169) emprega para avaliar a eficácia sociolingüística de um acto de tradução (ou redacção) científico-técnica, a da sua contribuição para o desenvolvimento da terminologia e do estilo especializado na língua minorada, é justamente objecto deste trabalho determinar em que medida tal foi conseguido no tratamento dos assuntos científico-técnicos que fam parte da EGU.

categorias de léxico e de estilística que mais especificamente se prendem à avaliação da qualidade da redacção técnico-científica. Dentro da *categoria lexical*, o modelo de Stolze inclui as rubricas *coerência terminológica*, concretizada em usos terminológicos específicos (emprego dos termos exactos da correspondente disciplina ou os preferidos pela correspondente empresa) e constantes (eliminação da sinonímia), *exactidom terminológica*, conseguida mediante os recursos da formação de unidades lexicais especializadas, e *hermenêutica especializada* (baseada em definições exactas e inseridas na correspondente rede ou sistema conceptual, na terminologização cumulativa, na identificação e resolução dos problemas de sinonímia, nos processos de padronização e na pesquisa em bancos de dados terminológicos). Quanto à *categoria estilística*, aqui se incluem as rubricas *idiomaticidade e inteligibilidade* (com as variáveis “ortografia”, “correção gramatical”, “sintaxe”, “estruturação textual clara”, “nível estilístico adequado”, “estilo fluente”, “fácil extração de informação” e “macroestrutura” e “blocos sintáticos” típicos do correspondente género textual), *análise estilística* (com as variáveis, correspondentes à sintaxe especializada, “economia expressiva e sintaxe simples”, “construções nominais e *Funktionsverbgefüge*”, “discurso impessoal”, “ausência dos tempos do passado”, “hegemonia da passiva”, “indicadores elocutivos” [verbos performativos, elementos modais], “normas da língua escrita planificada”) e *estilo funcional e específico do género textual*, com as seguintes características, próprias da redacção técnica: “clara organização temática sem digressões nem orações intrincadas”, “evitação de lacunas conceptuais”, “progressão cronológica da acção patente a nível oracional”, “orações breves”, “textos estereotipados”, “realizações padronizadas dos actos de fala directivos”, “relação entre texto e ilustrações” e “modos de descrição regularizados”.

Muito mais próximo do nosso objecto de estudo se situa o modelo de medição da qualidade da língua galega do Direito proposto por Galanes Santos (2002: 152-254, 381-391). Este modelo fundamenta-se, por um lado, na apreciação da *riqueza estilística* dos textos, aferida através de umha série de traços morfossintáticos, lexicais e terminológicos, e, por outro, na apreciação do seu *grau de legibilidade*, a qual atende sobretudo aos princípios da *boa redacção* incluídos no modelo concebido por Fernbach (1990) para o francês jurídico. A ponderação da riqueza estilística dos textos galegos do Direito é feita no modelo de Galanes Santos levando em conta a *variedade de recursos* utilizados e o correspondente *diferencialismo* (em relação ao castelhano, a língua socialmente supraordinada na actual Galiza), agindo a esse respeito como referência diversas

estruturas morfolexicais (p. ex.: léxico e sufixação terminológica diferenciais a respeito do castelhano) e morfossintáticas (colocação do pronome átomo entre a preposição e o infinitivo por ela regido, infinitivo flexionado, futuro do conjuntivo, etc.) respigadas pola autora do modelo a partir de descrições gramaticais do galego geral e de propostas de língua administrativa galega (estruturas qualificadas como “tradicionais” ou “diferenciais”). Quanto à ponderação do grau de legibilidade, o modelo recorre aos parâmetros da *singeleza*, *concisom*, *coerência*, *hierarquia* e *interesse humano* detectáveis na redacção dos textos.

Neste modelo de avaliação da qualidade da língua especializada de Galanes Santos parecem-nos perfeitamente atendíveis os seus *princípios (metodológicos)*, consistentes na apreciação da riqueza estilística e na estimativa do grau de legibilidade dos textos, os quais, numha particular configuração, também vamos adoptar no nosso modelo. No entanto, nom podemos compartilhar os dous *pressupostos* de que parte o modelo de avaliação de Galanes Santos, e que radicalmente condicionam —invalidando-o— o seu desenvolvimento, nomeadamente, que ainda nom esteja disponível nem um modelo definido de língua especializada, jurídica, para o galego (pág. 154), nem, em geral, um modelo completo de *língua culta* —a autora exprime implicitamente esta ideia referindo-se à sintaxe (pág. 155: «Doutra banda, non tratamos moi fondamente o nivel sintáctico, mais ca nuns poucos trazos, por non existir na actualidade un modelo sintáctico para o galego que nos sirva de referencia.») e ao léxico (pág. 157: «Esta limitación vén determinada, posiblemente, polas obras normativas ou paranormativas [no seio da normativa RAG-ILG] que manexamos como fontes [...], onde a gramática se presenta centrada principalmente na morfoloxía e en menor medida na sintaxe, descoidando a cuestión léxica.»)—, e que, portanto, agora seria preciso comezar a desenvolvê-los na Galiza (de modo independente do luso-brasileiro formal e especializado e com grande dependência do galego espontâneo, modalidade meramente oral e coloquial).

Com efeito, nom se nos pode ocultar que, de modo patente, tais modelos de galego formal e de galego especializado (em todos os ramos do conhecimento) *já están disponíveis* nas modulações genuína e cabalmente cultas do galego, pertencentes, claro é, às normas lusitana e brasileira da língua (Carvalho Calero, 1983: 42), de forma que o único que nesta altura resta por fazer é, de modo natural e económico, *disponibilizá-los* na Galiza, isto é, socializá-los efectivamente, o que apenas requer, como passo prévio, de umha eventual (e ligeira) adaptação das estruturas luso-brasileiras às peculiaridades da norma galega. Tais som os pressupostos

de que nós partimos no presente trabalho para definirmos em galego, de modo natural, económico e eficaz, um modelo (de avaliação da qualidade) da língua especializada (técnico-científica) que, na prática, nos poupará a arbitrariedades e evidentes passos em falso. Porque, de facto, a partir dos pressupostos *isolacionistas* mencionados, o *desenvolvimento do modelo* de Galanes Santos, ainda com princípios metodológicos correctos, (1) nom pode discorrer senom pola via do *arbitrário*, do *subjectivo* e do *incoerente*: assim, qual o motivo para priorizar, na constituição do galego jurídico, *sem mais considerações* (v. *infra*), as estruturas lexicais e morfosintácticas do galego espontâneo que som diferentes em castelhano²? Na aplicação da estratégia do “diferencialismo prudente”, como se define o “prudente”? Qual o motivo para, em geral, nom aplicar esse critério diferencialista também à terminologia (e à ortografia) do galego³? (2) nom pode senom enfermar de *indefinição* e *ineficácia*⁴: como deverão preencher-se, por exemplo, as lacunas lexicais e terminológicas sentidas em galego na expressom jurídica? Sem o confronto com o luso-brasileiro, como serão definidos os castelhanismos censuráveis em galego (cf. sufixação diferencial, pág. 160 e 161)? As estruturas morfossintácticas incluídas como parâmetros no modelo, som todas as que caracterizam o galego jurídico? Que variantes ou realizações dessas estruturas morfossintácticas efectivamente incluídas no modelo som as que especificamente caracterizam o galego jurídico (por exemplo, em que contextos sintácticos devem surgir com mais frequência os infinitivos flexionados ou os futuros do conjuntivo)? Qual a frequência de uso da passiva própria no texto jurídico? (A que tem em castelhano? A que tem em luso-brasileiro?). Qual a distribuição de usos dos participios duplos? Que tipo de elipses verbais som permitidas no galego jurídico? Todas estas perguntas, e muitas outras do género, com a mera estratégia do “diferencialismo prudente”, ficarão sem resposta!; e, (3), nom pode subtrair-se a evidentes *dislates*, como aqueles casos em que o modelo, sempre em benefício de um cego diferencialismo a respeito do castelhano, valoriza positivamente a presença nos textos jurídicos galegos de traços que em todas as línguas naturais som impróprios da língua formal, da língua

escrita planificada e/ou das línguas especializadas (e os quais, estando presentes no galego espontâneo —coloquial—, estão ausentes —nom podia ser doutra forma!— do castelhano formal e das fases cultas de qualquer outra modalidade lingüística, a começar polo luso-brasileiro!). Assim, em contra da clareza e economia expressivas, o modelo avalia positivamente a concorrência de variantes (isoetimológicas) perfeitamente sinónimas, sem contribuir para a simplificação (nalguns casos, tal concorrência é originada pola presença, junto a umha forma legítima, do correspondente castelhanismo!): *alô/alá*, **com nós/connosco*, **com vós/convosco*, **gram/grande*, **pressuposto/orçamento*, *sobor/sobre*, *dende/desde*, etc.; em contra da elegância e economia expressivas, o modelo avalia positivamente as formas analíticas, de carácter plebeu, de certos comparativos (**mais grande* e **meirande*, em vez de, ou junto a, *maior*; **mais bom*, **mais mau*, em vez de, ou junto a, respect., *melhor*, *pio*⁵), os pronomes *el(e)* e *lhe* pleonásticos, a fórmula conjuntiva *e mais*, própria da língua coloquial, e expressons de claro carácter vulgar, como *ao chou* (em vez de *ao acaso*, *aleatoriamente* ou *estocasticamente*), *arreu* ou *atreu*; em contra da precisom e economia expressivas, o modelo avalia positivamente o emprego de vozes dialectais, arcaicas e/ou de valor semântico artificialmente redefinido, como *acadar* (por *alcançar* ou *atingir*), *rematar* (por *concluir*, *findar* ou *terminar*), *amosar* (por *mostrar* ou *demonstrar*), *atranco* (por *estorvo*, *obstáculo* ou *impedimento*), *(a)topar* (por *encontrar*, *achar*), *ajeitado* (por *adequado*, *apropriado*), *adoitar* (por *costumar*), *rem* (por *nada*), *jalundes* (por *nalgumha parte*), *agás* (por *excepto*), *deica* (por *até*), etc.; enfim, em contra da impersonalização e do carácter objectivo da expressom especializada, o modelo avalia positivamente o emprego nos textos jurídicos do dativo de interesse, do dativo de solidariedade e das fórmulas possessivas *de meu*, *de seu*.

Com os pressupostos *nom secessionistas* a respeito do luso-brasileiro que fôrom explicados acima, e baseando-se em estudos próprios de carácter preliminar sobre a terminologia (Garrido e Riera, 2000) e a morfossintaxe (Garrido, 2001: 162-193) das línguas especializadas científico-técnicas em luso-brasileiro, as quais servem como modelo para a habilitação dos correspondentes tecnolectos galegos, Garrido (2004: 54, 55, 58-60, 114-120) propom um protocolo para avaliar a qualidade da língua especializada cultivada no galego-português da Galiza, no quadro par-

² Como justificação deste proceder, a autora cita (pág. 154, 178) a apreciação de Antón Santamarina de que, face «ós radicalismos puristas ou a un abandono á propia deriva [...], cabe unha postura de compromisso», atitude qualificada de “diferencialismo [a respeito do castelhano] prudente”. Trata-se, portanto, de umha justificação pola via do critério de autoridade (uni/pauci) pessoal?

³ E, no fundo, essa priorização do diferencialismo em relação ao castelhano, nom vem a proclamar precisamente a *dependência* desse modelo a respeito do castelhano?

⁴ «A nosa avaliación é exhaustiva no que se refire á descrição da riqueza na morfología, algo menos na da sintaxe e máis minguada no caso do léxico.» (Galanes Santos, 2002: 157).

⁵ Em luso-brasileiro, expressons como **mais grande*, **mais bom*, **mais mau* (em vez de *maior*, *melhor*, *pio*), e, em castelhano, expressons como **más bueno*, **más malo* (em vez de *mejor*, *peor*), como desvíos de carácter analógico e regularizador, fam parte da linguagem infantil e vulgar.

ricular da crítica da tradução de livros científico-técnicos. Neste modelo ou protocolo de avaliação, englobado na correspondente tipologia de erros cometidos na tradução sob a rubrica “deficiências no emprego da língua-alvo”, os desvios considerados som os de registo (quebra do registo culto, das convenções da língua escrita planificada, da formalidade científica), os de terminologia e fraseologia especializada (quando a correspondente habilitação não se pauta pela estratégia natural e económica de coordenação constante com o luso-brasileiro) e os de morfossintaxe especializada, prestando neste último caso particular atenção, dada a peculiar configuração sociolingüística da actual Galiza, àquelas estruturas sintácticas características do galego-português científico que som divergentes, na forma ou na frequência de uso, das homólogas do castelhano. Será justamente em virtude da diferenciação e do desenvolvimento deste esquema —facilitados sobretudo por um estudo mais aprofundado da morfossintaxe especializada luso-brasileira—, que nos será dado propor e aplicar no presente trabalho, nas secções que se seguem, um modelo de avaliação da qualidade da língua técnico-científica de carácter compreensivo, construtivo e intersubjectivo.

3. Pressupostos e modelo para a avaliação da qualidade da língua especializada técnico-científica cultivada no galego-português da Galiza

Passam-se em revista na primeira parte desta secção os pressupostos ou princípios de que partimos para o delineamento de um modelo de avaliação da qualidade da língua especializada (técnico-científica) cultivada hoje no galego-português da Galiza. Tais pressupostos referem-se à própria constituição das línguas especializadas, à habilitação das línguas especializadas em galego e à compreensão e articulação do procedimento ou modelo de avaliação, o qual será exposto, de modo sinóptico e exemplificado, na segunda parte da presente secção.

3.1. Pressupostos da avaliação da qualidade da língua especializada técnico-científica cultivada no galego-português da Galiza

Frente à fácil e ‘intuitiva’ tentação de reduzir o conceito de *língua especializada* ao âmbito do léxico (terminologia), já os primeiros estudiosos do campo assinalaram a importância da morfossintaxe como caracterizadora da comunicação especializada:

[Fachsprache ist] das Mittel einer optimalen Verständigung über ein Fachgebiet unter Fachleuten; sie ist gekennzeichnet durch einen

spezifischen Fachwortschatz und spezielle Normen für die Auswahl, Verwendung und Frequenz gemeinsprachlicher lexikalischer und grammatischer Mittel; sie existiert nicht als selbständige Erscheinungsform der Sprache, sondern wird in Fachtexten aktualisiert, die außer der fachsprachlichen Schicht immer gemeinsprachliche Elemente enthalten.⁶⁾ (Schmidt, 1969: 18, *apud* Fluck, 1996: 14, 15)

Mit dem Begriff „Fachsprache“ beziehen wir uns auf die Gesamtheit der sprachlichen Mittel, die auf unterschiedlichen Ebenen (der lexikalischen, morphologischen und syntaktischen) dazu beitragen, fachliche Inhalte und Aussagen zu realisieren und anderen Sprachteilnehmern zu vermitteln.⁷⁾ (Gerbert, 1970: 14)

No entanto, com o progredir da investigação sobre as línguas especializadas, tem vindo a reconhecer-se que, para além do léxico e da morfossintaxe, outros âmbitos expressivos, como o da estruturação textual, o dos elementos paralingüísticos e o dos recursos extralingüísticos, som igualmente constitutivos e caracterizadores dos textos especializados. Por consequência, neste trabalho partimos de que todo o texto dos campos da Matemática, das Ciências Naturais e da Técnica pode ser caracterizado por umha série de traços atinentes à sua estruturação textual (género textual e suas convenções), morfossintaxe, léxico, elementos paralingüísticos (tipografia, quantificação, sistemas nomenclaturais e de notação) e recursos extralingüísticos (iconografia, diagramação textual), que, em conjunto, constituem a correspondente *língua especializada*. De todos estes componentes textuais, os recursos lexicais (terminologia) e morfossintácticos, por esta ordem, som, em geral, os mais específicos, característicos e universais das línguas especializadas, e também os que mais sujeitos estão à variação interlingüística, polo que se constituem em domínios críticos de umha avaliação da qualidade expressiva que, como no caso galego, deve atender especialmente aos fenómenos de interferência lingüística (v. *infra*).

⁶ «[A língua especializada é] o meio para um óptimo entendimento num âmbito de conhecimento especializado e entre especialistas, caracterizado por um vocabulário específico e normas especiais referentes à selecção, utilização e frequência dos recursos lexicais e gramaticais da língua comum, que não existe como manifestação autónoma da língua, antes ele é actualizado nos textos especializados, os quais, além do estrato correspondente à língua de especialidade, contêm sempre elementos da língua comum.» (trad. Carlos Garrido).

⁷ «Com o termo *língua especializada* referimo-nos ao acervo dos meios lingüísticos que, a diferentes níveis (lexical, morfológico e sintáctico), possibilitam a articulação de conteúdos e enunciados especializados e a sua transmissão a outros participantes na comunicação.» (trad. Carlos Garrido).

Como foi dito anteriormente, é pressuposto para o delineamento do modelo de avaliação aqui apresentado que a *habilitação das línguas especializadas (técnico-científicas)* no actual galego-português da Galiza pode e deve ser feita, de harmonia com um critério natural, económico e funcional, mediante a convergência ou coordenação com as línguas especializadas luso-brasileiras, nomeadamente nos domínios do léxico (terminologia e fraseologia) e da morfossintaxe. Essa estratégia de convergência deve ser aplicada, em geral, de modo constante, mas prestando atenção às eventuais necessidades de adaptação às peculiaridades galegas (necessidades de adaptação que se revelam de somenos importância e principalmente confinadas à ortografia geral e ao sistema verbal). No domínio do léxico, esta habilitação convergente (Garrido, 1999; Garrido e Riera, 2000) serve, no que ao léxico comum (ocasionalmente também presente na terminologia) diz respeito, para contrariar os processos degradativos da *erosom* (ex.: *cujo*), da *substituição* (ex.: *óleo*) e da *variação sem padronização* (ex.: *eixe ~ eixo*); no relativo ao léxico culto, moderno ou exclusivo das línguas especializadas (terminologia), tal estratégia permite superar o processo degradativo da *estagnação* (e *suplência*; ex.: *arara, esférogáfica, hidrogénio*). No domínio da morfossintaxe, a habilitação convergente com o luso-brasileiro das línguas especializadas galegas (Garrido, estudo em preparação) opom-se, no sector da morfossintaxe geral, à *substituição*, total ou parcial (de frequência), de estruturas da língua comum (ex.: substituição total no actual galego espontâneo do futuro do conjuntivo; substituição parcial, em graus diversos, da interpolação ou do infinitivo flexionado: cf. Freixeiro Mato, 2004) e à *variação sem padronização* (ex.: *lhos ~ lhe-los*, indefinição na colocação dos pronomes clíticos com preposição e infinitivo), e, no sector da morfossintaxe específica das línguas especializadas, à *estagnação* (e *suplência*; ex.: *intensificação*, por cima da sua frequência no castelhano especializado, da passiva própria; *reestruturação* nalguns usos do infinitivo flexionado e do gerúndio; *introdução* de fórmulas elípticas do verbo; *rarefação* dos dativos de solidariedade e interesse).

Umha vez definida a habilitação no galego-português da Galiza das línguas especializadas, interessa agora traçar as linhas mestras de um modelo ou metodologia que permita avaliar de modo intersubjectivo a qualidade lingüística de um texto especializado (técnico-científico) redigido em galego. Quanto à *compreensão* do nosso modelo de avaliação, diga-se, em primeiro lugar, que ele é meramente formal, expressivo, e que, portanto, em princípio ficam fora da sua incumbência aspectos propriamente conceptuais, como as condições de verdade ou falsidade

do designado⁸. Assim, por exemplo, s.v. *lesma*, a *EGU* inclui a definição que a seguir se transcreve, a qual é parcialmente desmentida pela definição, mais exacta, que fornece o *Dicionário Terminológico Quadrilíngue de Zoologia dos Invertebrados*, mais abaixo transcrita, mas este tipo de disfunções (conceptuais ou de conteúdo) presentes num texto especializado nom serám alvo da nossa análise crítica (senom de modo accidental: v. *infra* 4.2. Metodologia da avaliação):

lesma [...] 1 s f ANIMAL Molusco terrestre da clase dos gasterópodos, que carece de cuncha externa, posúe unha cuncha interna recuberta polo manto e ollos pedunculados e un par de palpos. (*egu*, s.v. *lesma*, ênfase nossa)

lesma Entre os gastrópodos pulmonados, grado (nom clado) de desenvolvimento evolutivo ou estágio morfológico e ecológico a que têm chegado (mediante o processo filogenético, nom ontogenético, da limacização) diversas estirpes laxamente aparentadas (várias famílias da ordem Sigmurethra), caracterizado pola ausência ou grande redução da concha (frequentemente interna, localizada sob o escudo como placa cônica ou lenticular, ou, se externa, ela já nom pode alojar a totalidade do corpo do animal em retracção), o alongamento e estilização do cefalopódio (cabeça + pé + saco visceral) e o deslocamento da massa visceral desde umha posição elevada (debaixo do manto e no interior da concha) para umha posição basal ao longo do pé (que já nom é maciço nem inteiramente muscular, como nos caracóis). (Garrido, 1997, s.v. *lesma*, ênfase nossa)

De forma paralela à constituição complexa das línguas especializadas, achamos que tal modelo de avaliação *deve estruturar-se* em vários níveis de análise, designadamente, o textual, o morfossintático, o lexical, o paralingüístico e o extralingüístico, aos quais poderá ainda associar-se um nível cultural, atento à adequada inserção do texto na correspondente comunidade sociocultural. Para cada um desses níveis de análise, o crítico deverá avaliar até que ponto os pertinentes recursos expressivos do texto (ou da correspondente amostra textual significativa: cf. Garrido, 2004: 52, 53) se pautam pelo modelo congenial e enriquecedor oferecido pelo luso-brasileiro —e nom pelo modelo alheio e empobrecido do castelhano (detecção de interferências induzidas polo

⁸ Eis, por conseguinte, umha importante diferença entre a avaliação da qualidade da língua especializada aqui executada e a crítica da tradução especializada (cf., p. ex., Garrido, 2004), em que a detecção de erros pragmáticos contra a proeminência da função representativa ou informativa é fundamental.

castelhano, actual língua-teito do galego)—, e em que medida eles se revelam eficazes do ponto de vista comunicativo (*autenticidade lingüística e eficácia comunicativa*⁹). Finalmente, a partir desta análise estruturada em diversos níveis, o crítico deverá realizar umha *avaliação global e sumária* da qualidade lingüística do texto em causa, a qual poderá formular-se, por exemplo, em termos de “língua especializada de qualidade óptima”, “língua especializada de qualidade aceitável”, “língua especializada que precisa de revisom” e “língua especializada de qualidade inaceitável”, conforme o *Sistema Canadano de Mediçom da Qualidade Lingüística* (= Sical; cf. Garrido, 2004: 53).

3.2. Descrição de um modelo para a avaliação da qualidade da língua especializada técnico-científica cultivada no galego-português da Galiza

O nosso modelo de avaliação estrutura-se, portanto, em seis níveis de análise, cada um dos quais atende quer à presença de traços positivos, quer à ausência de traços negativos, e completa-se mediante umha apreciação global e sumária da qualidade da língua especializada do correspondente texto. A seguir som comentadas as peculiaridades de cada nível de análise do modelo e, posteriormente, este é apresentado de modo esquemático e exemplificado.

A análise no *nível cultural* baseia-se na eventual detecção de inadequações culturais, isto é, traços presentes no texto avaliado que empecem a comunicação ou prejudicam a função informativa devido à sua defeituosa inserção na correspondente comunidade sociocultural (p. ex.: utilização no texto galego de unidades de medida do sistema anglo-saxónico; inclusom no texto de exemplos ou símiles em que a referência é umha realidade desconhecida, por alheia, para os correspondentes destinatários).

No *nível textual*, trata-se de assinalar a eventual ocorrência no texto avaliado de traços que representam umha desconsideração das convenções que regem a composição do correspondente género textual na pertinente comunidade sociocultural (macroestrutura textual, blocos sintácticos, textos estereotipados, grau de personalização da expressom, frequência e realização das diversas classes de actos de fala, frequência de elementos metacomunicativos e metalingüísticos, profusom e natureza dos recursos iconográficos, etc.: cf. Göpferich, 1995).

Quanto ao *nível morfossintáctico*, no nosso modelo procedemos, em primeiro lugar, a considerar o sector da morfossintaxe geral, constitutiva da língua comum (formal e escrita), e, num segundo momento, o sector da morfossintaxe especializada. No relativo à *morfossintaxe geral*, prestamos atençom, por um lado, à qualidade da redaçom, atentando na eventual presença, avaliada negativamente, de trechos textuais obscuros ou desajeitados ou de defeituosa pontuação ou coesom; por outro lado, reparamos na ocorrência, apreciada, segundo os casos, positiva ou negativamente, de umha série de estruturas ou construções morfossintácticas que fam parte do galego-português formal (escrito) e que, por serem contrastantes com o castelhano, sofrem frequente interferência na Galiza actual (colocaçom dos pronomes clíticos, especialmente nalguns contextos específicos; interpolaçom; nexos relativos; nom anteposiçom da preposiçom a aos objectos directos; correcta morfologia e reflexividade verbais; emprego correcto de participios com dupla forma; perífrases verbais; infinitivo flexionado; futuro do conjuntivo; infinitivo gerundial atributivo, etc.).

Para caracterizarmos a *morfossintaxe especializada* do galego-português técnico-científico aplicamos os critérios de Gerbert (1970: 14) —seguidos posteriormente por Sager, Dungworth e McDonald (1980), em relaçom ao inglês, e por Köhler (1980) e Möhn e Pelka (1984), em relaçom ao alemão—, os quais consistem em reparar naquelas estruturas morfossintácticas presentes nos textos especializados que calhem nalgumha das três seguintes categorias: (1) estruturas, também presentes na língua comum, que nos textos especializados se apresentam “reforçadas”, i. é, com umha frequência de apariçom elevada (estruturas que experimentam *intensificaçom*, na nossa terminologia); (2) estruturas, também presentes na língua comum, que surgem nos textos especializados com modificações (*reestruturaçom*); (3) estruturas da língua comum que raramente ou nunca aparecem na língua especializada, por se revelarem inapropriadas para os enunciados técnicos (*rarefaçom*). Mediante a aplicaçom destes critérios de intensificaçom, reestruturaçom e rarefaçom a um *corpus* de textos científico-técnicos redigidos em Portugal¹⁰, Garrido (trabalho em preparaçom), visando oferecer orientaçom no relativo à habilitaçom do galego científico-técnico, compila um elenco de estruturas morfossintácticas peculiares ou características dos textos especia-

⁹ O que, por outras palavras, equivale aos princípios de *riqueza estilística e legibilidade* do modelo de Galanes Santos (2002).

¹⁰ Para a habilitaçom da morfossintaxe especializada em galego é indicado o estudo de textos escritos em Portugal, e nem tanto o dos escritos no Brasil, por existir hoje maior proximidade morfossintáctica (na língua geral) entre as normas galega e lusitana do que entre as normas galega e brasileira.

lizados, dentre as quais aqui respigamos, pelo seu interesse para o nosso modelo de avaliação, aquelas que se revelam (na sua constituição ou frequência) contrastantes com o castelhano (e, portanto, na actual Galiza, sujeitas a freqüente interferência ou ignorância por parte dos redactores). Som estas (v. tb. *infra*): usos específicos dos artigos (por exemplo, com as percentagens), dativo de posse, focalização por clivagem, futuro do indicativo hipotético ou peditivo, presente do conjuntivo de reserva, exemplificativo ou nexual, futuro do conjuntivo (especificamente, em cláusulas condicionantes e intensificantes-proporcionais), infinitivo flexionado (especificamente, quando o infinitivo segue a um verbo nuclear de carácter “intelectual” e quando o infinitivo ocorre numha cláusula que determina um substantivo “heurístico”), infinitivo gerundial atributivo (de valor activo ou passivo), usos específicos do gerúndio, perfectividade, perífrase terminativa, passiva própria e fórmulas elípticas do verbo. À detecção destas estruturas, avaliada positivamente, também se associam, no nosso modelo, umha categoria de registo e umha categoria de redacção. Na categoria de *registo*, trata-se de detectar eventuais casos de contração da *coerência sintáctica* típica dos textos científico-técnicos (neutralidade e impersonalização expressivas¹¹) e, em geral, de quebras do registo formal e de inobservância das convenções da língua escrita planificada (v. *infra*); na categoria de *redacção*, o crítico atenta na eventual manifestação no texto avaliado de aspectos que menoscabam a formalidade, funcionalidade ou elegância próprias da expressão especializada e que, portanto, prejudicam a legibilidade do texto, designadamente, deficiências na precisão, clareza (adequada ordenação e progresso informativas) e economia (ou concisão) expressivas.

No *nível lexical* o nosso modelo de avaliação distingue um domínio de léxico geral (afectado no galego espontâneo polos processos degradativos da erosão, da substituição e da variação sem padronização) e um sector de léxico especializado (terminologia e fraseologia especializada: afectadas polos processos de estagnação e suplência¹²). Dentro do sector do *léxico geral*, o modelo inclui como categorias de erro (v. *infra*) “ortografia”, “geossinónimo” (selecção insolidária com o luso-brasileiro

de geossinónimo galego), “castelhanismo” (face à substituição), “hiperdiferencialismo” (por redefinição, arcaísmo ou dialectalismo) e “vocábulo mal escrito/formado/usado”. O domínio do *léxico especializa-*do divide-se em *erros de habilitação*, que inclui as categorias “neologia insolidária por castelhanismo”, “neologia insolidária por onomaturgia ou semanturgia” e “neónimo de instauração justificada nom satisfatório”, e em *erros de uso*, com as categorias “registo” (emprego de vozes carregadas de conotações), “incoerência terminológica interna”, “incoerência terminológica externa” (cf. Garrido, 2004: 118, 119), “termo mal escrito/formado/usado” e “violação das regras de nomenclatura/notação” (v. *infra*).

O nosso modelo de avaliação inclui, no *nível paralingüístico*, as categorias de “erro de ortotipografia” (ex.: incoerência no emprego de convenções ortotipográficas) e de “erro dactilográfico/tipográfico” (indicativa de falta de revisão ou de revisão insuficiente). Por último, no *nível extralingüístico*, e sob a rubrica “iconografia”, o crítico deve avaliar a necessidade, adequação e correcção de gravuras, quadros, desenhos e gráficos (munidos das pertinentes legendas e rótulos) como elementos informativos (auxiliares) do correspondente texto especializado.

A seguir expom-se um *esquema sinóptico* do nosso modelo de avaliação, o qual detalha, adequadamente classificadas, explicadas e exemplificadas¹³, todas as categorias de análise da língua especializada que acima fôrom referidas. Tenha-se em conta que, na secção de morfossintaxe especializada, apenas som resenhadas aquelas estruturas que, como o infinitivo flexionado ou o futuro do conjuntivo, ocorrendo habitualmente na língua comum culta (escrita), na língua técnico-científica experimentam umha intensificação ou reestruturação nalgumha das suas realizações.

¹¹ A neutralidade e a impersonalização características da expressão científico-técnica (decorrentes do fenómeno de *rarefação* de estruturas antes referido: expressões idiomáticas, palavras carregadas de conotações, expressões efusivas ou coloristas, pronomes pessoais e possessivos, dativos de interesse e solidariedade, etc.) estão, todavia, sujeitas a alguma variação, dependendo, sobretudo, do género textual especializado de que se tratar (maior personalização e colorismo expressivos em géneros de tipo didáctico-instrutivo como o artigo/livro de divulgação e o livro de texto).

¹² Tenha-se em conta, porém, que com alguma frequência as unidades lexicais da língua comum experimentam terminologização ou ficam incorporadas a unidades lexicais especializadas.

¹³ Os exemplos aduzidos no esquema na parte de morfossintaxe provêm do trabalho de Garrido (em preparação) e fôrom extraídos, e devidamente *editados* ou adaptados para o padrão galego, a partir das seguintes fontes: AA.VV. 1998-2003. *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Edição Século XXI*. Editorial Verbo. Lisboa/São Paulo (= ELBCV) | *Colóquio/Ciências* (revista de divulgação científica. Fundação Calouste-Gulbenkian, Lisboa) | Luís S. Campos e Miguel Mourato. 1999. *Nomenclatura dos Compostos Orgânicos. Segundo as Regras e as Últimas Recomendações da International Union of Pure and Applied Chemistry (IUPAC)*. Escolar Editora. Lisboa. | Rómulo de Carvalho. 2004. *Cadernos de Iniciação Científica*. Relógio D'Água Editores. Lisboa.

ESQUEMA SINÓPTICO DE UM MODELO DE AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DA LÍNGUA ESPECIALIZADA TÉCNICO - CIENTÍFICA CULTIVADA EM GALEGO

1. Nível cultural

1.1. INADEQUAÇÃO CULTURAL

– Contra a adequada inserção na correspondente comunidade sociocultural e lingüística.

2. Nível textual

2.1. GÉNERO TEXTUAL

– Contra as convenções do correspondente género textual.

3. Nível morfosintático

3.1. Morfosintaxe geral

3.1.1. REDACÇÃO

– Redacção obscura, desajeitada. Pontuação. Coesom.

3.1.2. COLOCAÇÃO DO PRONOME ÁTONO

– Com interposição (extensa) entre a marca de subordinação e o pronome:

Há que sublinhar, todavia, que, para se poderem identificar convenientemente muitos dos materiais de que som feitas as obras de arte, se torna indispensável proceder à recolha de amostras. (*Colóquio/Ciências*, 16: 62)

– No quadro da focalização por inversom:

Dois atitudes se podem tomar; ou dizemos [...]. (*Cadernos de Iniciação Científica*: 53)

– Com infinitivo e preposição:

Assim, o facto de a Terra, no seu conjunto, se encontrar em equilíbrio energético dá lugar ao transporte meridional de energia das baixas para as altas latitudes. (ELBCV, s.v. *circulação geral da atmosfera*)

A *separação de blastómeros* consiste no isolamento de células totipotenciais de embriões em estádios iniciais do seu desenvolvimento, promovendo-se, depois, a multiplicação progressiva de cada umha delas de modo a obterem-se indivíduos exactamente idênticos. (ELBCV, s.v. *clonagem*)

3.1.3. INTERPOLAÇÃO

O séc. XX beneficiará com todas estas condições, em que se nom deve esquecer a contribuição da histologia e da anatomia patológica, possíveis pela descoberta do microscópio. (ELBCV, s.v. *cirurgia*)

3.1.4. NEXOS RELATIVOS

Este facto explica a razão por que muitos codons alternativos para um mesmo aminoácido diferem apenas no seu terceiro nucleótido (ver tabela). (ELBCV, s.v. *código genético*)

O páxaro evita, pois, alimentar-se da borboleta, a qual reconhece bem polo padrom bem característico das suas asas. (ELBCV, s.v. *metabolismo*)

3.1.5. A+OD

A osteoartrite é umha doença crónica degenerativa da cartilagem das articulações, acompanhada de dor durante o movimento, e que afecta as pessoas de idade, mas também jovens. (*Colóquio/Ciências*, 23: 39)

3.1.6. MORFOLOGIA VERBAL

– Indistinção *andara/andasse*. Desvios na conjugação verbal. Perífrases verbais mal formadas.

3.1.7. PARTICÍPIOS DUPLOS

[O bisso é umha] Madeixa de filamentos escuros e robustos que fixa certos moluscos bivalves, como, p. ex., o mexilhom, *Mytilus edulis*, a rochas ou qualquer outro substrato duro submerso no mar. (ELBCV, s.v. *bisso*)

Nos tecidos periféricos as hormonas tiroideias som degradadas e o iodeto é devolvido ao sangue para nova circulação, estabelecendo-se um equilíbrio competitivo entre a apetência pola tiroideia e a eliminação polo rim. (ELBCV, s.v. *iodo*)

3.1.8. REFLEXIVIDADE VERBAL

É o *regime laminar*, em que as diversas camadas de líquido deslizam umhas sobre as outras, sem se misturar. Se a velocidade do movimento é grande, o filete colorido entorta e dispersa-se com grande rapidez, misturando-se rapidamente a massa do líquido que está em movimento turbilhonar e diz-se, entom, que o escoamento é feito em *regime turbulento*. (ELBCV, s.v. *hidrodinâmica*)

3.2. Morfosintaxe especializada

3.2.1. REGISTO

– Contra a coerência sintáctica (neutralidade e impersonalização expressivas), quebras do registo formal e das convenções da língua escrita planificada: expressões coloquiais ou coloristas, expressões idiomáticas, palavras carregadas de conotações (v. tb. 4.2.2.1), abuso de pronomes pessoais e de adjectivos possessivos (dependendo do género textual), dativos de interesse e de soli-

dariedade, dativo pleonástico (nom elisom do dativo pronominal em presença de dativo nominal), fórmula conjuntiva e *mais*, fórmula *ambos os dous* (por: *ambos*), futuro analítico com a perífrase “*haver + (de) + infinitivo*”, etc.

Exemplos de evitação do dativo pleonástico (mesmo quando o dativo nominal aparece em posição inicial absoluta):

Aos americanos [= estado-unidenses] Jakson, Wells, Long e Morton cabe a glória de terem sido os pioneiros da anestesia por inalação (com o éter e o protóxido de azoto). (ELBCV, s.v. *anestesia*)

A esta representação do conjunto S, em que todos os seus elementos som indicados entre chavetas e separados por vírgulas ou por pontos e vírgulas, chama-se representação em extensom. (ELBCV, s.v. *conjuntos, teoria dos*)

3.2.2. REDACÇÃO

– Contra a formalidade, funcionalidade ou elegância expressivas: deficiências na precisom, clareza e economia ou concisom da redacção.

3.2.3. USO DOS ARTIGOS (DIFERENCIAL A RESPEITO DO CASTELHANO)

Verifica-se, de facto, que mais de metade do cálcio dos tecidos é extracelular, podendo esse valor chegar a 90%, conforme os tecidos e o seu estado fisiológico. (ELBCV, s.v. *fluido intercelular*)

3.2.4. DATIVO DE POSSE

Som as próprias células epidérmicas que se dispõem circularmente à sua volta e lhe limitam o lúmen. (ELBCV, s.v. *glândulas sudoríparas*)

3.2.5. FOCALIZAÇÃO POR CLIVAGEM

Som as primeiras maxilas e as mandíbulas, transformadas em estiletos quitinosos, que produzem a picada. (ELBCV, s.v. *Hemipteróides*)

É por esta razão que as mutaçõs que afectam o terceiro nucleótido do codom podem nom ser ‘sentidas’. (ELBCV, s.v. *código genético*)

Na verdade, só em 1912 é que F. G. Hopkins provou, experimentalmente, em Inglaterra, que os animais necessitavam, mais do que apenas hidratos de carbono, proteínas e lípidos na dieta alimentar para um crescimento normal. (ELBCV, s.v. *vitaminas*)

3.2.6. FUTURO DO INDICATIVO HIPOTÉTICO OU PREDITIVO

– Hipótese sobre o presente:

A adequada dimensom da molécula do tanino é determinante para o seu encaixe entre as fibras do colagénio e para que se forme um número apropriado de ligaçõs que estabilize a interacção. Este facto explicará a razão para a gama de massas moleculares que acima se referiu. (ELBCV, s.v. *taninos*)

– Hipótese sobre o passado:

Conta-se que a mulher do Vice-Rei do Peru, a Condessa de Chinchón, terá sido salva das febres que padecia porque umha sua serva índia, que lhe era mui afeiçoada,

da, lhe terá dado a beber, às escondidas, umha infusom dessa misteriosa casca [de quina] e com isso lhe terá salvo a vida. [...] Terám sido também os jesuítas que figerom a expansom daquela droga [da quina] no Oriente. (ELBCV, s.v. *quina*)

– Prediçom e inevitabilidade:

A pancada irá produzir umha mui pequena impressom, a que corresponde umha certa deformaçom plástica do material, consumindo-se nessa deformaçom umha parte maior ou menor da energia cinética do «martelo». A altura do ressaltom vai, portanto, depender da energia ainda disponível. (ELBCV, s.v. *dureza, ensaios de*)

3.2.7. PRESENTE DO CONJUNTIVO

– De reserva ou distanciamento:

Esta espécie [ameixeira: *Prunus domestica* L.], de há muito cultivada em várias castas, nom é conhecida no estado espontâneo, mas supom-se que seja um híbrido natural entre as *P. spinosa* L. e *P. cerasifera* Ehrh. var. *divaricata* (Ledeb.) Bailey, oriunda do Cáucaso. (ELBCV, s.v. *ameixeira*)

Certamente polo facto de os isópteros serem sempre insectos sociais, pensa-se, com frequência, que os insectos sociais constituam também, na ordem dos himenópteros, umha modalidade muito espalhada. (ELBCV, s.v. *insectos sociais*)

– Na exemplificação:

Os taninos fõrom definidos como compostos de origem natural com massa molecular de 500 a 3000 dalton e com um número suficiente de grupos OH de natureza fenólica [...] que possibilite a formaçom de ligaçõs de entrecruzamento entre macromoléculas, como sejam proteínas, celulose, pectinas. (ELBCV, s.v. *taninos*)

– Nexual:

Em território português, além dos Açores, pode referir-se o vulcanismo extinto da ilha da Madeira. No continente, as manifestaçõs vulcánicas som mui remotas (v.g. complexo basáltico da região de Lisboa-Mafra). Diga-se, enfim, que, embora sem vulcanismo activo, muitos aparelhos vulcánicos apresentam fenómenos secundários como fumarolas [...]. (ELBCV, s.v. *vulcão*)

– Cláusula condicionante:

Utilizando-se algarismos para indicar as posiçõs, deve procurar-se para os substituintes a posiçom mais baixa possível; caso existam várias possibilidades equivalentes de escolha, seguem-se as regras enunciadas nas págs. 22 a 24. (*Nomenclatura de Compostos Orgânicos*: 57)

3.2.8. FUTURO DO CONJUNTIVO

– Sobreto em cláusulas condicionais e intensificantes-proporcionais:

O outro factor condicionante é a chuva, que, se molhar a fibra do algodom na altura em que as cápsulas abrirem, deprecia extraordinariamente o produto. (ELBCV, s.v. *algodoeiro*)

Ao longo, porém, da palheta a velocidade periférica varia, originando assim palhetas tanto mais empenadas quanto mais compridas forem. (ELBCV, s.v. *compressor*)

3.2.9. INFINITIVO FLEXIONADO

– Especificamente, nestes dous casos em que o seu uso é obrigatório (Freixeiro Mato, 2000:387-404):

– Quando o infinitivo e o verbo nuclear (da cláusula subordinante) tenham sujeitos diferentes. Caracteristicamente, nos textos científico-técnicos:

– O infinitivo segue (imediatamente) a um verbo nuclear, tipicamente de carácter “intelectual”:

As células albuminosas ou células de Strasburger som células parenquimatosas que coram intensamente com os corantes citoplasmáticos, polo que se pensa serem ricas em material proteico. (ELBCV, s.v. *célula*)

– Infinitivo flexionado dotado de sujeito expresso e incluso numa cláusula introduzida pola preposição *de* que determina substantivos “heurísticos” (como *facto*):

Assinale-se que os núcleos de ^{235}U sofrem cisom com neutrons “térmicos” (de energia inferior a 0,5 eV), o mesmo acontecendo com os isótopos artificiais ^{233}U e ^{239}Pu (plutónio- 239), entre outros, e que a probabilidade de se darem estas reacções é tanto maior quanto menor for a velocidade dos neutrons incidentes. (ELBCV, s.v. *cisão nuclear*)

– Quando, com sujeito idêntico, a cláusula subordinada com o infinitivo antecede a cláusula principal, que contém polo geral o sujeito lexicalizado:

Ao interagirem para constituir essas cadeias proteicas, os aminoácidos sacrificam umha pequena parte da sua estrutura química, de modo que umha proteína é qualitativamente diferente dumha mistura de aminoácidos. (*Colóquio/Ciências*, 1: 43)

3.2.10. INFINITIVO GERUNDIAL ATRIBUTIVO

– De valor activo:

O *USS Nautilus* foi o primeiro submarino atómico da história e o primeiro a navegar no Pólo Norte. (ELBCV, s.v. *submarino*)

Admitindo a «cruz de fluido» precisamente no centro, os braços rodaram no mesmo sentido, o que significa existir aí, e só aí, umha nítida vorticidade a evidenciar a transformação do movimento numha rápida rotação. (ELBCV, s.v. *vorticidade*)

– De valor passivo:

Na electroforese livre, as substâncias a separar som colocadas numha solução dentro de um tubo em forma de U, sem a utilização de um suporte sólido. (ELBCV, s.v. *electroforese*)

3.2.11. GERÚNDIO

– Gerúndio posposto à cláusula principal, equivalente a umha proposição coordenada começada pola conjunção *e* (semântica nexual ou de causa-efeito):

Outras fontes de alumínio som possíveis, conhecendo-se mesmo os respectivos processos de extracção, mas estes nom som presentemente económicos. (ELBCV, s.v. *alumínio*)

O sistema fechado tem intercalado um reservatório contendo cal sodada, que absorve o dióxido de carbono expirado, permitindo que a mistura anestésica seja reinhalada várias vezes. (ELBCV, s.v. *anestésicos*)

– Gerúndio atributivo que equivale a umha cláusula de relativo:

Por outro lado, umha célula do interior do óvulo —o saco embrionário—, germinando *in loco*, dá origem a um tecido de reserva (endosperma primário) e a algumas rosetas contendo umha oosfera cada umha. (ELBCV, s.v. *alternância de gerações*)

– Gerúndio em cláusulas adverbiais introduzidas por *como*:

Este [o apoplasto], que representa c. 5% do volume dos tecidos, é umha estrutura com um certo grau de continuidade em todo o corpo da planta (das raízes às folhas) que actualmente se reconhece como sendo um local de elevada importância fisiológica, nomeadamente em processos metabólicos associados com a resposta da planta a factores ambientais. (ELBCV, s.v. *fluido intercelular*)

3.2.12. PERFECTIVIDADE

– Perífrase aspectual perfectivo-reiterativa e actualizadora “*ter* [como presente do indicativo] + participípio”:

Para avaliar o grau destruidor de um sismo, ou seja, a sua intensidade, tenham sido propostas várias escalas [...]. (ELBCV, s.v. *magnitude* [Geofísica])

– Perífrase aspectual perfectiva “*ter* + participípio”:

Aos americanos Jackson, Wells, Long e Morton cabe a glória de terem sido os pioneiros da anestesia por inalação (com o éter e o protóxido de azoto). (ELBCV, s.v. *anestésicos*)

3.2.13. PERÍFRASE TERMINATIVA

– Perífrase aspectual terminativa “*vir* + (a) + infinitivo”:

Entretanto, um crescente número de cientistas dos EUA, muitos deles refugiados da Europa, começava a alarmar-se com a possibilidade de umha tal fonte de poder vir a cair em maos estranhas. (ELBCV, s.v. *bomba atómica*)

Diversos materiais tenham vindo ser usados como cimento polo homem ao longo dos séculos. (ELBCV, s.v. *cimento*)

3.2.14. PASSIVA PRÓPRIA

– Nos casos em que a passiva própria, face à passiva reflexa, é de emprego facultativo, ela é freqüentemente actualizada, com umha fequência de uso mui superior à que apresenta no castelhano actual:

Várias tentativas fôrom feitas nesse sentido [...]. (ELBCV, s.v. *alumínio*)

O hidróxido de alumínio é separado da solução por decantação e filtração,

lavado e calcinado seguidamente a temperaturas entre 1200°C e 1350°C, obtendo-se finalmente alumina, Al₂O₃, com elevada pureza. (ELBCV, s.v. *alumínio*)

3.2.15.FÓRMULAS ELÍPTICAS DO VERBO

– Construção “*quando/quanto/se/como/apesar de + determinante*”:

Quando mantido ao ar, [o alumínio] recobre-se de umha fina película de óxido que o protege. (ELBCV, s.v. *alumínio*)

Já outras ligas de alumínio, particularmente as que contêm cobre, som mui susceptíveis à corrosão em meios húmidos, polo que podem, se necessário, ser isoladas do contacto directo com o meio corrosivo [...]. (ELBCV, s.v. *alumínio*)

[...] processos que, ainda há alguns anos atrás, eram considerados gravísimos e até implacavelmente mortais (p. ex., lepra, tuberculose, muitíssimos cânceros, etc., hoje situações de apreciável benignidade, se tratadas cientificamente). (ELBCV, s.v. *preparações farmacêuticas industriais*)

– Construção interrogativa indirecta “*qual + artigo + substantivo*”:

Para podermos avaliar convenientemente a toxicidade dos resíduos existentes na cultura, na altura da colheita, é essencial conhecer com exactidão qual o esquema de metabolização de cada insecticida. (ELBCV, s.v. *insecticida*)

– Construção “*(a)quando + de + artigo + substantivo*”:

Quando do arrefecimento e lavagem do gás produzido na destilação, obtém-se umha solução de amoníaco a 2-3%. (ELBCV, s.v. *amoníaco*)

Som frequentes [as renas] no Plistocénico inferior e médio, atingindo vasta expansão em episódios de clima frio e, em particular, aquando do apogeu da glaciação de Würm. (ELBCV, s.v. *rena*)

4. Nível lexical

4.1. Léxico geral

4.1.1.ORTOGRAFIA

4.1.2.GEOSSINÓNIMO

– Selecção insolidária (com o luso-brasileiro supradialectal) de geossinónimo galego, face à variação sem padronização: *eixe* por *eixo*

4.1.3.CASTELHANISMO

– Face à substituição: *azeite* por *óleo*

4.1.4.HIPERDIFERENCIALISMO

– Por redefinição, arcaísmo, dialectalismo: *acadar* por *alcançar* ou *atingir*

4.1.5.VOCÁBULO MAL ESCRITO/FORMADO/USADO

– **cortiça* (do pinheiro) por *casca*

4.2. Léxico especializado (terminologia e fraseologia especializada)

4.2.1. Erros de habilitação

4.2.1.1.NEOLOGIA INSOLIDÁRIA:CASTELHANISMO

– **hidróxeno* por *hidrogénio*; **côdea terrestre* por *crosta (terrestre)* na EGU

4.2.1.2.NEOLOGIA INSOLIDÁRIA:ONOMATURGIA OU SEMANTURGIA

– **animais preiros* por *animais necrófagos*, **depósito* por *jazida* ou *jazigo*; **quen-lha* por *tubarom* na EGU

4.2.1.3.NEÓNIMO JUSTIFICADO NOM SATISFATÓRIO

– **grade* por *grado* (< ingl. *grade*) [~ *clado* (< ingl. *clade*): caso explicado em Garrido (2004: 118)

4.2.2. Erros de uso

4.2.2.1.REGISTO

– **carallote* por *pepino-do-mar* na EGU

4.2.2.2.INCOERÊNCIA TERMINOLÓGICA INTERNA

– Na mesma obra ou texto (na EGU): *rádio iónico* ~ *raio iónico*

4.2.2.3.INCOERÊNCIA TERMINOLÓGICA EXTERNA

– Em Masa Vázquez, Fortes López *et al.* (1995): *declive* (de umha recta) ~ *pendente* na EGU

4.2.2.4.TERMO MAL ESCRITO/FORMADO/USADO

– **ácido timo-nucleico* por *ácido timonucleico* (caso explicado em Garrido, 2004: 119, 120); **o preguiça* por *a preguiça* (caso explicado em Garrido, 2004: 117); **depredador* por *predador* na EGU

4.2.2.5.VIOLAÇÃO DAS REGRAS DE NOMENCLATURA/NOTAÇÃO

– Nom utilização do tipo itálico nos nomes científicos de espécies de organismos.

5. Nível paralingüístico

5.1.ORTOTIPOGRAFIA

5.2.ERRO DACTILOGRÁFICO/TIPOGRÁFICO

6. Nível extralingüístico

6.ICONOGRAFIA

– Adequação e correcção das gravuras, desenhos, gráficos (com legendas e rótulos)

4. Avaliação da qualidade da língua especializada técnico-científica da Enciclopedia Galega Universal

Como aplicação significativa do modelo de avaliação acima proposto, na presente secção procede-se a estimar a qualidade da língua especializada científico-técnica empregada na composição da *Enciclopedia Galega Universal* das Ir Indo Edicións, obra que ainda está em elaboração. Como parte introdutória desta secção, figuram a seguir duas epígrafes que tratam das peculiaridades da redacção científico-técnica praticada na EGU e da metodologia seguida na avaliação da sua qualidade; esta é efectivamente executada nas cinco epígrafes seguintes, que sucessivamente apresentam um levantamento sinóptico de incidências da avaliação e análises sectoriais dos aspectos culturais, morfossintácticos, lexicais e extralingüísticos dos textos especializados em causa; por último, encerra esta secção, e também o presente estudo, umha epígrafe que oferece, como conclusom coerentemente derivada de todas as análises críticas precedentes, umha avaliação global e sumária da qualidade da língua especializada técnico-científica da EGU.

4.1. Redacção, redactores e estrutura dos artigos técnico-científicos da EGU

A EGU nom é umha obra inteiramente original, pois, de facto, muitos dos seus artigos surgem por tradução, mais ou menos directa (com ou sem eliminação de material original, com ou sem adaptações à realidade galega), de artigos homólogos, escritos em língua catalá, da *Enciclopèdia Catalana*¹⁴. No verso da folha de rosto do primeiro volume da EGU pode ler-se: «© Para os contidos universais, que procedan da Enciclopedia Calatala [sic! por: Enciclopèdia Catalana], S.A., que foron actualizados e versionados ó galego» (sic!), o que, como veremos, na prática significa que umha ampla maioria dos artigos técnico-científicos da EGU fôrom traduzidos —muitos deles também abreviados, poucos adaptados às peculiaridades galegas— a partir de um texto catalám.

Na correspondente folha de créditos que segue à de rosto, assinam como máximos responsáveis pola EGU Bieito Ledo Cabido, na qualidade de *Editor*, e Xosé Antonio Perozo Ruiz, na qualidade de *Director* da obra. A seguir figura a composição do *Conselho de Redacção*, que consta de

¹⁴ A 1.ª ed. da *Enciclopèdia Catalana* é de 1969 (directores: Jordi Carbonell i de Ballester e Joan Carreras i Martí); a 2.ª ed., de 1986 (director: Joan Carreras i Martí). Para elaborar o presente estudo, foi consultada a 7.ª reimpressom (actualizada), 1994, da 2.ª ed.

treze pessoas¹⁵, às quais, em princípio, cabe atribuímos a responsabilidade pola tradução de catalám para galego e pola revisom e correcção lingüísticas em galego dos artigos técnico-científicos da EGU. Poderá encontrar-se entre estes treze redactores algum especialista em língua catalá? E em catalám científico-técnico (v. *infra*)? Infelizmente, consta-nos que entre eles nom há qualquer especialista em galego-português científico-técnico, o que nom representa um bom ponto de partida para umha obra que consagra umha fracção considerável dos seus artigos a esta área. Como *Assessores* da EGU adscritos a disciplinas científico-técnicas constam na folha de créditos Uxío Labarta (Biologia), Martín Llamas Nistal e Manuel José Fernández Iglesias (Engenharia e Informática), Agustín Sixto Seco (Medicina) e Miguel Anxo Murado García (Ambiente). Se, como parece provável, o labor dos assessores consistiu, para além da eventual composição ou adaptação de algum artigo da sua especialidade, em rever textos e esclarecer dúvidas (aos redactores) dos pontos de vista conceptual e terminológico, chama aqui negativamente a atenção, em primeiro lugar, que com eles nom fiquem representadas senom cinco disciplinas técnico-científicas, em detrimento de muitas outras de grande importância (como, para citar apenas as que constam da classificação sintética das ciências, a Matemática, a Física, a Química e a Geologia); em segundo lugar, ao considerarmos o elenco de *Assessores* do campo científico-técnico, voltamos a constatar a pouco auspiciosa ausência de verdadeiros especialistas em galego-português científico-técnico. Algo mui similar acontece infelizmente com os *Colaboradores* da EGU (constantes nas pág. 9 e 10 do volume I), aos quais provavelmente correspondeu a adaptação de artigos da *Enciclopèdia Catalana* e a redacção em galego (ou castelhano?: v. *infra*) de artigos originais para a EGU¹⁶: os colaboradores adscritos a disciplinas técnico-científicas¹⁷ nom representam mais do que umhas poucas especialidades

¹⁵ Trata-se de Isabel Acea Méndez, Elena Carballo Ferrer, Miguel A. Fernández Martínez, Alfredo Iglesias Diéguez, Dolores Míloro Costas, María Teresa Monteagudo Cabaleiro, Miguel Anxo Murado Lorenzo, Carmen Otero Parada, Mercedes Pacheco Vázquez, Emilio Pallarés Álvarez, Anxo Xoán Rajó Pazó, Beatriz Varandas González e Silvia Vázquez Lorenzo.

¹⁶ Os artigos da EGU nom aparecem individualmente assinados no corpo da obra, e na secção introdutória apenas se resenha a especialidade de cada colaborador. Resta por ver, portanto, se no último volume da enciclopèdia, ainda sem editar, serão declarados os redactores de cada artigo (principal) da obra, como acontece noutras enciclopédias.

¹⁷ Trata-se dos seguintes especialistas: *Alimentación*: Ramón Baltar Beloso, Teresa Campos Fraguas, Guillermo Campos Piñón e Xosé Domingo Posada González; *Biología*: Elena Carballo Ferrer, Rafael Faraldo, Estanislao Fernández de la Cigoña e Núñez, Miguel A. Fernández-Martínez, Ángeles Gerpe Calvelo, Pablo Rey López e Tiago Vidal Figueiroa; *Botánica*: Marisa Castro Cerceda, Santiago Castroviejo Bolívar, Margarita Costa Tenorio, Xosé Ramón García Martínez, Aida García Molades, Xesús Izco Sevillano, Antonio Prunell Tuduri, Antonio Rigueiro Rodríguez e Francisco Xabier Silva-Pando; *Ecología*: Xosé Lois Allué Andrade, Xosé Barcia Iglesias, Alejo Carballeira Ocaña, Fernando Fraga Martínez, Luis

(basicamente, do âmbito da Biologia⁽¹⁸⁾), nom se encontram entre eles verdadeiros especialistas em galego-português científico-técnico e bastantes deles mesmo nom som falantes ou redactores habituais em língua galega (mas sim em castelhana).

A macroestrutura da EGU baseia-se na ordenação alfabética dos lemas. Quanto à estrutura dos seus artigos de tema científico-técnico (microestrutura da enciclopédia), diga-se que, em geral, ela se amolda ao esquema típico do correspondente género: ao lema, grafado em negrito, seguem umha indicação sobre a sua etimologia, umha indicação de equivalentes em português, castelhano e inglês⁽¹⁹⁾, indicações gramaticais, umha definição conceptual breve e introdutória (semelhante à dos dicionários e baseada na seqüência *genus proximum + differentia specifica*) e umha secção de desenvolvimento enciclopédico. Frequentemente, no seio de cada artigo científico-técnico fica subsumido mais de um lema, pois que nesses casos aparece um lema principal, inicial, e um ou mais lemas secundários ou derivados, ordenados alfabeticamente e numerados correlativamente, e que possuem em comum com o lema principal algum componente terminológico (assim, no artigo de lema principal *aluminio* também aparecem, como lemas secundários ou derivados, outros 17 lemas, de *2. acetato de aluminio* até *18. sulfuro de aluminio*). A este

respeito, deve lamentar-se que este expediente —perfeitamente legítimo quando os lemas secundários som realmente *derivados* do principal, quer dizer, quando todos eles se adscvem ao mesmo domínio conceptual— também se tenha levado à prática, obscurecendo a informação e dificultando a consulta, noutros casos em que os lemas secundários nom tñhem nada a ver, do ponto de vista conceptual, com o lema principal que os subordina, como acontece, por exemplo, com o artigo encabeçado polo lema *célula*, que inclui referências a assuntos tam díspares como a célula viva (Biologia), as células dos partidos políticos (Política), as células CCD (Informática), a célula electroquímica (Tecnologia), a célula fotoeléctrica (Tecnologia), etc.⁽²⁰⁾

4.2. Metodologia da avaliação

O método aqui seguido para avaliar a qualidade da língua especializada técnico-científica da EGU baseia-se na aplicação do modelo de avaliação acima exposto. No entanto, antes de procedermos, na seguinte secção, ao correspondente levantamento de incidências da avaliação, será conveniente deixar constância dalguns aspectos metodológicos específicos, respeitantes ao modo em que tal modelo é aplicado no presente estudo à avaliação lingüística da EGU.

Em primeiro lugar, deve esclarecer-se que a nossa avaliação nom é ou nom inclui umha crítica de tradução (extensa e estruturada). Visto que umha grande parte dos artigos de tema técnico-científico da EGU (v. *supra*) fñom traduzidos (e adaptados) a partir de um texto catalám, umha tal focagem nom seria aqui despropositada. Todavia, sendo o nosso objectivo primordial na presente ocasiom analisar a constituição e qualidade formal das línguas especializadas em galego, e tendo em conta a grande afinidade existente entre as línguas ibero-románicas (de especialidade) —a qual torna, ou deveria tornar, extremamente raros os erros de tradução catalám-galego contra a função representativa (cf. Garrido, 2004: 55-59)—, nas linhas que seguem limitaremos a realizar uns poucos comentários acerca de questons tradutivas suscitadas pola EGU que se nos afiguram imprescindíveis.

A maior parte dos artigos de tema técnico-científico da EGU fñom vertidos a partir de artigos homólogos redigidos em catalám da *Enciclopèdia Catalana* (v. ex. [3] a seguir a este parágrafo), de modo que poucos som os

²⁰ Para além desta inconveniente acumulação de lemas, o artigo *célula* também se vê afligido por um evidente erro estrutural, pois que nele surgem duas secções n.º 5: *5. célula electroquímica TECNOL* e *5 código xenéti-co XEN* (!).

González Rodríguez, Víctor López Román, Henrique López Sánchez, Felipe Macías Vázquez, Iago Mosquera Sánchez, Miguel Anxo Murado García, Xosé Benito Reza e Álvaro Santos; *Genética*: Gonzalo Álvarez Jurado; *Informática*: Darío Janeiro Pereira e Enrique Neira Pereira; *Mar*: Lidia Campos Chan e Instituto Politécnico Marítimo-Pesqueiro do Atlántico (Vigo); *Microbiología*: Elisa Longo González; *Zoología*: Felipe Bárcena, Pedro Galán Regalado, Xosé Guitián Rivera, Adolfo Lomeña, Xosé Mora Bermúdez, Francisco Novoa Docet e Asier Rodríguez Larrinaga.

¹⁸ Se a predominância de biólogos entre os (relativamente escassos) colaboradores científico-técnicos da EGU porventura quisesse explicar-se como decorrente da maior necessidade de adaptação à realidade galega dos assuntos próprios da Biologia (flora e fauna da Galiza), entom, como caberia entender a ausência de colaboradores na outra disciplina científica fortemente vinculada às condições naturais locais ou regionais (paisagem), isto é, a Geologia? E a ausência de engenheiros (indústria)?

¹⁹ Os equivalentes terminológicos que se fornecem em português e inglês som, com demasiada frequência, disfuncionais, quer na forma, quer no significado. Assim acontece, por exemplo, s.v. *aceiro* (em port. falta *ação*), *aceite* (nom se indica a distribuição de usos entre *azeite* e *óleo*, que falta), *bario* (ingl. *barium*, mal escrito), *branchia* (em port. nom se inclui *guelra*; em ingl. nom se inclui *branchia*), *cegoñal* (Tecnol.; indica-se port. **cegonha*, **cegonha*, em vez de *eixo da cambota*, *árvore de manivelas*), *cela* ('célula de um favo'; indica-se port. **cela*, em vez de *célula*), *codia* (indica-se port. *códea* e ingl. *crust*, *scrab*, sem diferenciar usos), *cobra* ('colubrídeo'; indica-se ingl. **snake*, em vez do correcto *colubrid snake*), *cólico* (subst.; port. *cólica*; indica-se erradamente *cólico*), *efémera* (em ingl. falta o sinónimo *mayfly*), *enxeñeria* (port. *engenharia*, mal escrito), *equinodermo* (aparece mal grafado o port. *equinoderme*), *leva* (Tecnol.; indica-se port. **leva*, em vez de *excêntrico*, *came*), *lousa* (indica-se port. *lousa*, *piçarra* e ingl. *shale*, *slab*, *gravestone*, sem diferenciar usos), *malaria* (port. nom se dá o sinónimo *paludismo*), *marmelada* ('compota'; indica-se port. *marmelada*, em vez do correcto *compota*, *doce de fruta*), *marmelo* ('doce de marmelo'; indica-se port. *marmelo* e ingl. *quinze*, em vez dos correctos *marmelada* e *quinze jam*), *mecánica* (ingl. *mechanics*, mal escrito), *medicina* (ingl. *medicine*, mal escrito), *motor* (subst.; dam-se como equivalentes ingl. *motive* e *motor*, e nom o correcto *engine*), *oído* (indica-se ingl. **tab*), *pendente* (Mat.; port. *declive*; indica-se erradamente **pendente*), *piso* (Geol.; indica-se port. *piso* e nom *andar*).

artigos técnico-científicos da EGU inteiramente originais, e esses, maiormente, respeitantes a elementos da flora e da fauna galegas. No entanto, umha boa fracção dos artigos traduzidos apresenta modificações a respeito do conteúdo original, modificações que som de dous tipos, a merecerem valorizações opostas: por um lado, *supressions* de material, as quais, quando nom se cingem a trechos de interesse exclusivo da comunidade sociocultural de partida (segmentos marcados culturalmente²¹), se revelam, em geral, indesejáveis do ponto de vista do consulente da EGU²²; por outro lado, *acréscimos* de material para efectuar adaptações às peculiaridades da comunidade sociocultural de chegada (galega), nom atendidas na *Enciclopèdia Catalana*, acréscimos que, é claro, devem ser olhados favoravelmente. Neste ponto deve constatar-se que, infelizmente, as modificações mais abundantemente praticadas som, de longe, as primeiras, i. é, as expurgações de material pertinente para abreviar os artigos (v. ex. [1], [5] e [8]), enquanto que as segundas, os acrescentos de material como adaptação às particularidades galegas, se revelam claramente insuficientes (v. *infra*: 4.4. Análise dos aspectos culturais).

Quanto à tradução dos artigos da EGU, apenas queremos apontar aqui, sem entrarmos em pormenores, o interesse de proceder à sua revisão, já que o escrutínio da nossa amostra de artigos nos deparou com problemas de índole tradutiva como os seguintes: decalques que, sem variarem o sentido original ou violentarem a gramática do galego, podem alterar frequências de uso lexical na língua de chegada (ex. [2]); decalques que introduzem na língua-alvo usos lexicais estranhos (ex. [3]), alheadores (ex. [4]) ou claramente errados (ex. [5]); decalques que tornam ininteligível a informação (ex. [6]); interpretação errada do original que altera o sentido da tradução (ex. [7] e [8]).

- [1] **aluminat** *m* QUÍM INORG Nom genèric de les sals que deriven formalmente de l'hidròxid alumínic considerat com um àcid feble. Bé que és conegut l'ortoaluminat de calci $3\text{CaO} \cdot \text{Al}_2\text{O}_3$, els aluminats alcalins (que són solubles en aigua) són, tant a l'estat sòlid com en solució, metaaluminats, de fórmula geral MAIO_2 , i hom pot obtenir-los per

²¹ Na *Enciclopèdia Catalana*, a comunidade sociocultural de referència, a porçom de espaço "da qual se perspectiva o mundo", nom é Espanha, nem sequer a Catalunha restrita, antes ela corresponde à comunidade lingüística própria e plena, aos países de fala catalá, aos *Países Catalans*. Opçom esta, como depois veremos, bem diferente da feita polos responsáveis da EGU!

²² Assim, por exemplo, na *Enciclopèdia Catalana* o artigo *alumini* (= *alumínio*) tem c. 489 linhas (das quais, só 13 dedicadas a tratar especificamente sobre os Países Cataláns) e 3.423 palavras-unidade (7 palavras-unidade por linha), enquanto que, na EGU, o artigo correspondente derivado, *aluminio*, tem apenas c. 316 linhas e 2.212 palavras-unidade (7 palavras-unidade por linha).

reacció de l'hidròxid alumínic amb una molècula de base: $\text{Al(OH)}_3 + \text{NaOH} \rightarrow \text{NaAlO}_2 + 2\text{H}_2\text{O}$. Llurs solucions, fortament alcalines per hidròlisi, són descompostes àdhuc per un àcid tan feble com el carbònic. Els aluminats poden ésser també preparats per fusió d'una mescla d'òxid metàl·lic i d'alúmina. Diversos minerals del grup de les espinel·les (espinel·la, crisoberil·le, etc) són també metaaluminats de fórmula $\text{M}^{\text{II}}\text{OAl}_2\text{O}_3$. (*Enciclopèdia Catalana*, s.v. *aluminat*, ênfase nossa)

aluminato (< *alumina*) [*port*: *aluminato*; *cast*: *aluminato*] *s m* QUÍM Sales que derivan formalmente do hidróxido alumínico, considerado un àcid feble. É ben coñecido o ortoaluminato de calcio $3\text{CaO} \cdot \text{Al}_2\text{O}_3$. Os aluminatos alcalinos son metaaluminatos, de fórmula xeral MAIO_2 . Os aluminatos pódense preparar por fusión dunha mestura de óxido metálico de alumina. (EGU, s.v. *aluminato*)

- [2] L'aluminatge no pot efectuar-se per electròlisi en solució aquosa, bé que, al laboratorí, l'electro-deposició [...]. (*Enciclopèdia Catalana*, s.v. *aluminatge*, ênfase nossa)

A aluminaxe non se pode efectuar por electrólise en solución acuosa, se ben [= ainda que, embora] no laboratorio a electrodeposición [...]. (EGU, s.v. *aluminaxe*, ênfase nossa)

- [3] **Aluminaut** *MAR* Tipus de submarí nordamericà, dissenyat per a treballs a grans profunditats (fins als 4 500 m), construït el 1964. Porta una tripulació de sis homes. (*Enciclopèdia Catalana*, s.v. *Aluminaut*, ênfase nossa)

Aluminaut *MAR* Tipo de submarino norteamericano, diseñado para traballos a grandes profundidades (ata os 4.500 m), construído no [por: *em*] 1964. Porta [por: *transporta?*] unha tripulación de seis homes. (EGU, s.v. *Aluminaut*, ênfase nossa)

- [4] Antoni van Leeuwenhoek [< cat. Antoni (= gal. António), por neerl. Anton van Leeuwenhoek], Ernest Abbe [< cat. Ernest (= gal. Ernesto); por al. Ernst Abbe]. (EGU, s.v. *microscopio*)

- [5] Entre els països exportadors destaquen els EUA, el Canadà i Noruega que obtenen barata la hidroelectricitat i on s'observa, com en d'altres estats ben desenvolupats, un desplaçament del consum d'alumini de les bateries de cuina i material d'oficina cap als electrodomèstics i altres aparells elèctrics i d'ací cap a la contruacció, els mitjans de transport i l'emballatge. Aquest tancament de mercats pot anar afermant les direccions comercials bauxita, alúmina, alumini que van des del Carib

i l'Amèrica del Sud vers els EUA i el Canadà, d'Àfrica a Europa i de l'Extrem Orient al Japó. (*Enciclopèdia Catalana*, s.v. *alumini*, ênfase nossa)

Entre os países importadores [boa correção introduzida pelo tradutor!] destacan os EEUU, Canadá e Noruega, que dispoñen de enerxía hidroeléctrica barata, e nos que hai, como noutros países desenvolvidos, un desprazamento do consumo do aluminio para baterías de cociña, material de oficina e outros aparellos eléctricos cara á construción, ós medios de transporte e ás embalaxes. Este troco de mercados [no original, 'fechamento de mercados'] pode levar ó afianzamento das direccións comerciais [por: *rotas comerciais*] que van dende o Caribe e América do Sur ata os EEUU e Canadá, de África a Europa e do Extremo Oriente ó Xapón. (EGU, s.v. *alumínio*, ênfase nossa)

[6] **malaria** [...] 2 **malaria equina** *VETER* Septicemia aguda ou crónica dos animais de pé redondo [< cat. *animal de peu rodó* 'perissodáctilo'] orixinada por un virus específico e caracterizado por unha febre recorrente. OBS: Tamén se denomina *anemia infecciosa dos cabalos*. (EGU, s.v. *malaria*, ênfase nossa)

[7] **aluminat** *m QUÍM INORG* Nom genèric de les sals que deriven formalmente de l'hidròxid alumínic considerat com um ácido feble. Bé que és conegut l'ortoaluminat de calci $3\text{CaO} \cdot \text{Al}_2\text{O}_3$, els aluminats alcalins (que són solubles en aigua) són, tant a l'estat sòlid com en solució, metaaluminats, de fórmula xeral MAlO_2 , i hom pot obtenir-los per reacció de l'hidròxid alumínic amb una molècula de base: $\text{Al}(\text{OH})_3 + \text{NaOH} \rightarrow \text{NaAlO}_2 + 2\text{H}_2\text{O}$. Llurs solucions, fortament alcalines per hidròlisi, són descompostes adhuc per un ácido tan feble com el carbònic. Els aluminats poden ésser també preparats per fusió d'una mescla d'òxid metàl·lic i d'alúmina. Diversos minerals del grup de les espinel·les (espinel·la, crisoberil·le, etc) són també metaaluminats de fórmula $\text{M}^{\text{II}}\text{OAl}_2\text{O}_3$. (*Enciclopèdia Catalana*, s.v. *aluminat*, ênfase nossa)

aluminato (< *alumina*) [*port: aluminato; cast: aluminato*] *s m QUÍM* Sales que derivan formalmente do hidróxido alumínic, considerado un ácido feble. É ben coñecido o ortoaluminato de calcio $3\text{CaO} \cdot \text{Al}_2\text{O}_3$. Os aluminatos alcalinos son metaaluminatos, de fórmula xeral MAlO_2 . Os aluminatos pódense preparar por fusión dunha mestura de óxido metálico de alumina. (EGU, s.v. *aluminato*, ênfase nossa)

[8] **oli** *m OLEÍC* 1 *1* Greix de procedència animal o vegetal, líquido a la temperatura de 20°C . [...] Són obtinguts per presión (amb trituración prèvia o no), fusión (sense pasar de 100°C) o extracción amb disolventes

autorizados. Perquè siguin comestibles han d'ésser refinats. La refinación pot ésser feta per diversos procedimentos, segons els casos, els més emprats dels quals són la clarificación mecánica (per sedimentación, centrifugación i filtración), la desmucilaginación (per procedimentos semblants a la clarificación o amb sals inorgániques i ácidos diluíts), la neutralización (amb lleixius aquosos i rentant posterior), la descoloración (amb terres descolorants o carbó actiu), la desodoración (per corrent de vapor d'aigua) i la desmargarinización (per refredament —hibernación— i separación de les estearines insolubilizadas a fi que l'oli sigui límpid i transparent i no s'enterboleixi amb el fred). Els olis vegetals destinados a l'alimentación són classificats en dos grupos: olis de fruits (= > oli d'oliva) i olis de llavors. (*Enciclopèdia Catalana*, s.v. *oli*, ênfase nossa)

aceite [...] 1 *1 s m AGR/IND* Graxa de procedencia animal ou vexetal, líquida a temperatura de 200°C . [...] Obtéñense por presión, fusión ou extracción con disolventes autorizados e para que sigan a ser [por: *sejam*] comestibles teñen que ser refinados. O refinamento pode facerse a través de diversos procedementos; os máis empregados son a clasificación mecánica, a desmucilaxinación, a neutralización, a descoloración e a desmargarinización. Os aceites vexetais destinados á alimentación clasifícanse en dous grupos: aceites de froitos, aceite de oliva e aceites de sementes. (EGU, s.v. *aceite*, ênfase nossa)

Como segunda advertência metodológica sobre aspectos nom atendidos pola presente avaliação de qualidade lingüística, diga-se que ela nom analisa o cumprimento nos artigos da EGU das convenções textuais próprias do género *artigo de enciclopédia*, de modo que no próximo levantamento de incidências da avaliação nom se incluirá o nível textual. Tal se deve a que, umha vez que a *Enciclopèdia Catalana* respeita a (macro)estrutura textual típica do género "artigo de enciclopédia" e a EGU transfere fielmente esta para os seus artigos, a proximidade das línguas (especializadas) catalá e galego-portuguesa e a natureza laxa das convenções que, para além do esquema de desenvolvimento textual, regem a redacção dos artigos de enciclopédia (blocos sintácticos, elementos metalingüísticos e metacomunicativos: cf. Göpferich, 1995: 295-299; Garrido, 2001: 89-93) garantem que neste aspecto nom se registem na obra analisada quaisquer disfunções.

Para avaliar a qualidade da língua especializada da EGU, procedeu-se a tirar umha amostra textual que julgamos suficientemente eficaz e representativa (cf. Garrido, 2004: 52, 53). Esta amostra consta, polo que à avaliação da qualidade da morfossintaxe diz respeito, de 18 artigos completos de extensom igual ou superior a 1 coluna de texto (cada colu-

na de texto compreende 100 linhas; cada linha abrange c. 40 caracteres; aqui consideramos que cada linha contém 7 palavras-unidade): *aceiro* (486 linhas, 3.402 palavras-unidade), *aceite* (353 linhas, 2.471 palavras-unidade), *aluminio* (316 linhas, 2.212 palavras-unidade), *bario* (*Quím.*) (100 linhas, 700 palavras-unidade), *bomba* (*Tecnol.*) (150 linhas, 1.050 palavras-unidade), *cefalópodo -da* (180 linhas, 1.260 palavras-unidade), *célula* (419 linhas, 2.933 palavras-unidade), *chumbo* (198 linhas, 1.386 palavras-unidade), *cobra* (*Zool.*) (257 linhas, 1.799 palavras-unidade), *darwinismo* (705 linhas, 4.935 palavras-unidade), *efémera* (100 linhas, 700 palavras-unidade), *equinodermo -ma* (121 linhas, 847 palavras-unidade), *física* (228 linhas, 1.596 palavras-unidade), *fisiologia* (195 linhas, 1.365 palavras-unidade), *mecânica* (334 linhas, 2.338 palavras-unidade), *medicina* (748 linhas, 5.236 palavras-unidade), *microscópio* (206 linhas, 1.442 palavras-unidade) e *motor* (327 linhas, 2.289 palavras-unidade). Ao todo, portanto, estes 18 artigos somam 5.423 linhas e 37.961 palavras-unidade. Para além destes 18 artigos extensos, um número indeterminado doutros artigos mais breves foi tido em conta com o intuito de se abordarem outros aspectos da avaliação (nomeadamente, o lexical), artigos que serão oportunamente resenhados no quadro do levantamento de incidências.

Com as particularidades que se acabam de explicar, realiza-se aqui um levantamento de incidências conforme o modelo de avaliação da qualidade da língua especializada antes proposto. Este levantamento de incidências de avaliação pode ser feito consignando as diversas incidências na ordem em que elas surgem com o progredir da leitura do material textual da amostragem (como foi feita, p. ex., a crítica de tradução em Garrido, 2004) ou, de modo *sinóptico*, arranjando umha lista ordenada de categorias de incidência e agrupando as incidências registadas sob a correspondente categoria. É esta segunda modalidade de levantamento de incidências de avaliação a que, na seguinte secção, se recorre.

4.3. Levantamento sinóptico de incidências de avaliação

1. Nível cultural

1.1. INADEQUAÇÃO CULTURAL

s.v. *aluminio*: sem adaptação à realidade galega (idem s.v. *aceiro*, *cefalópodo -da*, *efémera*, *equinodermo -ma*, *eólico*)

s.v. *darwinismo*: «*A orixe do home*, de Charles Robert Darwin» [na ilustração vê-se a capa da correspondente tradução castelhana, *El origen del hombre*, nom a

da edição luso-brasileira, *A Origem do Homem*]; «Portada do livro *Dende Darwin, reflexións sobre historia natural*, de St[e]phen Jay Gould» [na ilustração vê-se a capa da correspondente tradução castelhana, *Desde Darwin. Reflexiones sobre historia natural*, nom a da edição luso-brasileira, *O Mundo Depois de Darwin. Reflexões sobre História Natural*]

s.v. *física*: «Portada da traducción ó castelán do libro *Physics*, de Douglas C. Giancoli.»

s.v. *medicina*: **Andrés Vesalio* por *Andreas Vesalius*

s.v. *moucho*: «*En España* [o moucho] distribúese como reprodutora na práctica totalidade do territorio peninsular pero evitando os grandes sistemas montañosos [...]. Toda a península está ocupada pola subespecie *Athene noctua vidalii*. Cría en Baleares, en Ceuta e en Melilla (nas dúas últimas a subespecie *glaux* de distribución norteafricana) pero non en Canarias. *En Galicia* aparece por todo o territorio, aínda que sufriu unha forte regresión nos últimos 25 anos.».

3. Nível morfossintático

3.1. Morfossintaxe geral

3.1.1. REDACÇÃO

s.v. *aceite*: «As primeiras referencias a este cultivo son as que ofrece o licenciado Luis Molina na súa *Descripción del antiguo Reino de Galicia* (1551), onde documenta a colleita de aceite nas comarcas de Betanzos e Valdeorras, precisamente nesta comarca, en Bendilló (Quiroga), *consérvanse* aínda produccions a pequena escala e para consumo propio.»; «O máximo apoxeo acadouse cara ós ss XVII e XVIII, *sen embargo*, durante o s XIX a elaboración [...]»; «Medicamento líquido preparado por extracción ou *disolución*, o seu excipiente é un aceite;»

s.v. *aluminio*: «Pero non é ata finais do 1955 que aparece un panorama “moderno” desta *producción xa* que, aparentemente, a extracción multiplicouse por 4,25.» | «[...] a súa produccion masiva *non se iniciou ata* a segunda metade do século XIX.» [por: a sua produção em massa *só foi iniciada* na segunda metade do séc. XIX]

s.v. *cefalópodo -da*: «O número de brazos é *variable, así*, os octópodos presentan oito [...]» | «A cuncha dos dibranquios é interna [...] e sufriu unha reduccion progresiva desde as formas fósiles ás *actuais, mesmo* nalguns casos desapareceu totalmente (octópodos).» [por: às actuais *e, mesmo* nalguns casos, desapareceu...]; «outras, como os polbos, non só sobrevivem a *ela senón* que a *coidan defendéndoa* dos depredadores [...]» [por: nom só sobrevivem a *ela, como* também a *cuidam, defendendo-a* dos predadores]

s.v. *célula*: «A existencia de [...] fai pensar que pode haber células máis grandes; aínda que *ó* crecer o diámetro e diminuir, xa que logo, a relación super-

fície/volume, se fan máis críticos os problemas [...]» [por: células maiores, aínda que, ao aumentar o diámetro e diminuir, portanto, a relación superficie/volume, se tornam...] «Cando [a célula] funciona como pila, a reacción de oxidación dá electróns no ánodo, que adquire un potencial negativo respecto ó do cátodo, no que a reacción de redución consome electróns e faino positivo.»; «Polo xeral, a síntese de proteínas non se efectúa en contacto directo co ADN, senón a través dun intermediario que é o ARN mensaxeiro. [por: nom se efectua em contacto directo com o ADN, mas através...]

s.v. *darwinisma*: «A idea da loita pola existencia, entendida como o combate que cada ser vivo debe realizar para sobrevivir [...]» [por: o combate que cada ser vivo deve travar...]; «Coa obra *Descent* aconteceu algo semellante, así, fixéronse traducións ó alemán [...]» [por: semelhante; assim, fôrom feitas...]

s.v. *efémera*: «Durante o desenvolvemento larvario son animais acuáticos, as máis das especies viven en augas doces aínda que outras especies se desenvolven en augas salobres.» [por: ...animais aquáticos, vivendo a maioría das especies em águas doces, aínda que outras...]

s.v. *efémera*: «As ninfas pódense dividir en tres tipos fundamentais [...]. Presentan metamorfose hemimetábola [as ninfas?] e son os únicos insectos [...]. [por: Os efémeros apresentam metamorfose hemimetábola...]

s.v. *equinodermo -ma*: «Tamén posúen [os equinodermos] series de pés ambulacrais que serven para desprazarse e capturar o alimento [...]» [por: que lhes servem para se deslocarem e capturarem o alimento...]

s.v. *equinodermo -ma*: «Filo de animais mariños, principalmente bentónicos, de endosqueleto de simetría radial ou bilateral –ás mais das especies con cinco partes ou raios iguais– calcario espiñento e formado por placas.» [por: de endosqueleto constituído por calcário, espinhento, de simetría radial ou bilateral...]

s.v. *física*: «Pero, a física dos gregos ten moitos erros [...]» [Mas a física...]

s.v. *mecánica*: «O postulado fundamental afirma que os movementos dos corpúsculos son autónomos e que cambian enerxía e impulsos entre eles [...]» [por: afirma que os movementos dos corpúsculos som autónomos e que estes/os corpúsculos trocam enerxía entre si...]

s.v. *medicina*: «No s. VI a C a filosofía presocrática abriu novas posibilidades á razón humana para entender, entre outros feitos, a enfermidade como un fenómeno natural, capaz de ser investigado na súa natureza sen recorrer á superstición nin á divindade.» [por: como um fenómeno natural, susceptível/passível de ser investigado na sua natureza sem se recorrer à superstição nem à divindade]

s.v. *microscopio*: «O principio de funcionamento é similar ao do microscopio óptico, o xerador de ultrasóns equivalería á fonte luminosa.»

s.v. *microscopio*: «A lente é aquí a lente acústica, que consiste nunha superficie

de forma semiesférica entre dous medios diferentes.» [por: semiesférica situada entre dous meios diferentes]

3.1.2. COLOCAÇÃO DO PRONOME ÁTONO

s.v. *aceira*: «[...] o ferro puro non existe, xa que o carbono disolveuse [...]».

s.v. *aceite*: «para sacarilles a auga», «Despois de limpalas pásanse ó muíño, onde se reducen a unha pasta [...]» [raramente a colocação: para lhes tirar a água; depois de as limpar]; «O aceite obtido no proceso inicial despois de esmagar a oliva recibía o nome de *aceite virxe*, mentres que o extraído ó final do proceso chamábase borra [...]»

s.v. *aluminio*: «Pero non é ata finais do 1955 que aparece un panorama “moderno” desta produción xa que, aparentemente, a extracción multiplícase por 4,25.».

s.v. *cefalópodo -da*: «Empregan este sistema para informar do perigo, para camuflárense e [...]» [por: para se camuflarem]

s.v. *chumbo*: «Desta maneira, non se dissolve no ácido sulfúrico diluído nin no clorídrico concentrado pero o ataca o ácido nítrico.» [por: nem o clorídrico concentrado, mas ataca-o...]

s.v. *COBOL*: «Os programas son longos e conteñen moitas palabras, pero son fáciles de ler, escribir e comprobar; por isto xeneralizouse o seu uso [...]» [por: por isto se generalizou o seu uso...]

s.v. *darwinismo*: «Neste sentido, cómpre destacar que Andrew Carnegie (1835-1919) –quen partindo da máis profunda miseria chegou a ser o home máis rico do mundo– declarábase exemplo [...]».

s.v. *medicina*: «Na maioría dos casos a mesma natureza encárgase desa misión [...]» [por: Na maioría dos casos, a mesma natureza se encarrega dessa misión...]

s.v. *medicina*: «Todo o relacionado coa elaboración do pan queda impregnado de santidad, incluso a artesa e o muíño, por iso nestes obxectos téñense celebrado diversos ritos curativos.» [por: por isso nestes obxectos se teñem celebra-do...]

s.v. *motor*: «[...] isto é, que segundo os principios de funcionamento distínguense as *turbinas* e os *motores volumétricos* [...]».

3.1.3. INTERPOLAÇÃO

s.v. *aceira*: 0; s.v. *aluminio*: 0; s.v. *bario* (*Quím.*): 0; s.v. *bomba* (*Tecnol.*): 0; s.v. *célula*: 0; s.v. *chumbo*: 0; s.v. *cobra* (*Zool.*): 0; s.v. *darwinismo*: 0; s.v. *efémera*: 0; s.v. *equinodermo -ma*: 0; s.v. *física*: 0; s.v. *fisiología*: 0; s.v. *mecánica*: 0; s.v. *medicina*: 0; s.v. *microscopio*: 0; s.v. *motor*: 0

3.1.4.NEXOS RELATIVOS

s.v. *aceiro*: Mal: «Nun punto da curva (punto eutéctico de solidificación, no que [por: no qual / em que] está representada a mestura [...]»

s.v. *aceite*: Mal: «Os aceites son lípidos practicamente puros, polo cal o valor enerxético é alto [...]» [por: polo que]

s.v. *aluminio*: Mal: «Extráese da bauxita, a partir da que [por: da qual] se prepara óxido anhidro puro (=> *alumina*).».

s.v. *bomba (Tecnol)*: Mal: «As turbobombas clasifícanse en: *bombas centrífugas, nas que* o líquido entra [...]» [por: nas quais]; «a presión á que se somete» [por: a pressom a que se submete / à qual se submete]

s.v. *cefalópodo -da*: Mal: «[...] que consiste nun saco muscular no que se localizan [...]» [por: em que/no qual]

s.v. *célula*: Mal: «[...] e diversas inclusións das que as máis frecuentes son os oleosomas [...]» [por: inclusions, das quais...]

s.v. *chumbo*: Mal: «O mineral máis importante do que se extrae é a galega (PbS).» [por: de que é extraído]

s.v. *cobra* (Zool.): Mal: «Logo da cópula, precedida por unha danza nupcial na que macho e a femia [...]» [por: em que]

s.v. *darwinisma*: Mal: «[...] en *Variation*, obra na que [por: em que] argumenta [...]».

s.v. *efémera*: Mal: «[...] forman grupos en voo, nos que [por: nos quais] entran as femias [...]».

s.v. *equinodermo -ma*: Mal: «Existen unhas 900 especies, nas que [por: nas quais] se distinguen [...]»

s.v. *física*: Mal: «Arquímedes coñeceu [...] forza ascensional (impulso de Arquímedes) á que están sometidos os corpos que se somerxen nun fluído.» [por: a que / à qual]

s.v. *fisiología*: Mal: «[...] tenta atopar os camiños polos que os diferentes animais [...]» [por: os camiños polos quais...]

s.v. *mecánica*: Mal: «[...] o proceso físico polo que dous móbiles [...]» [por: o proceso físico em virtude do qual dous...]

s.v. *medicina*: Mal: «O proceso mental polo que se chega a esta identificación [...]» [por: polo qual/por que]

s.v. *microscopio*: Mal: «[...] sobre a superficie que se quere estudar, a que [por: a qual], en consecuencia, emite electróns secundarios.».

s.v. *motor*: Mal: «Constaban dun cilindro vertical, dentro do que [por: do qual] había un émbolo [...]».

3.1.5.A+OD

s.v. *chumbo*: «En ocasións pode afectar a outras persoas que están [...]»

s.v. *darwinisma*: «[...] xa que consideraba iguais a todos os humanos [...]. Trala morte de Darwin quedaron sen resolver dúas cuestións que lle afectaban profundamente ó darwinismo [...]»

s.v. *física*: «[...] entre os que cómpre mencionar a Newton [...]»

s.v. *medicina*: «A primeira comprende as enfermidades que afectan a todo o organismo [...]»

3.1.6.MORFOLOGIA VERBAL

s.v. *aluminio*: **autoprovéese* [por: autoprovê-se, RAG-ILG: *autoprovese*]

s.v. *cefalópodo -da*: «ó relaxarse o pigmento volve concentrarse.» [por: volta a concentrar-se]

s.v. *mecánica*: «O segundo postulado contradiciuse pola descuberta da propagación [...]» [por: contradixose (foi contradito)]

3.1.7.PARTICÍPIOS DUPLOS

s.v. *aluminio*: «[...] alumina disolta en criolita fundida.» [por : alumina disolvida em criolite fundida].

s.v. *bomba (Tecnol)*: «bombas somerxidas» [por: submersas].

s.v. *cágado*: «A boca dispónse en posición ventral na cabeza e está provista de mandíbulas córneas.» [por: provida].

s.v. *célula*: «pigmentos disoltos» [por: dissolvidos]

s.v. *chumbo*: **xardíns suspendidos* por *jardíns suspensos*

s.v. *motor*: «[...] unha parte da enerxía térmica é expulsada [...]» [por: expulsa]; «[...] provistos dunhas válvulas [...]» [por: providos]

3.1.8.REFLEXIVIDADE VERBAL

s.v. *aluminio*: «[...] en contacto coa auga oxídase axiña [...]», «A extracción de bauxita [...] case que se duplicou.» [por: oxida... quase (que) duplicou...]

s.v. *mecánica*: «Os resultados describen bastante ben o que pasa lonxe das paredes [...]» [por: o que se passa...]

s.v. *medicina*: «A cirurxía foi posiblemente a rama que máis se beneficiou do clima [...]» [por: que mais beneficiou...]

3.2. Morfosintaxe especializada

3.2.1.REGISTO (v. tb. 4.2.2.1)

s.v. *aceiro*: «sendo daquela Gran Bretaña, os EEUU e Alemaña os principais produtores» [por: sendo naquela altura]; «pola contra» [por: polo contrario]

s.v. *aceite*: «darlle unha cocción ó vapor» [dativo pleonástico]

s.v. *aluminio*: «ó redor dos 900-950°C», «Con máis ou menos o 4,5 %» [com desconhecimento de: *cerca de* = c.]

s.v. *célula*: «Cando se produce unha electrólise aplicaselles unha diferenza de potencial ós electrodos [...]» [dativo pleonástico]

s.v. *cobra* (Zool.): «caza proxectándolles o veneno ós ollos das presas [...]» [dativo pleonástico]

s.v. *darwinismo*: «[...] tema ó que lle dedica unha boa parte [...]» [por: tema a que dedica unha boa parte] | «Trala morte de Darwin quedaron sen resolver dúas cuestións que lle afectaban profundamente ó darwinismo [...]» [por: cuestións que afectaban profundamente o darwinismo]. [dativo pleonástico]

s.v. *física*: «A física da materia condensada prestoulle unha atención especial á supercondutividade.» [dativo pleonástico]

s.v. *fisioloxía*: «[...] lle confire á fisioloxía [...]» [dativo pleonástico]

s.v. *mecánica*: «Ambas as dúas partes son complementarias [...]» [por: Ambas as partes...]

s.v. *medicina*: «[...] daquela a relixión, a maxia e a medicina formaban un todo confuso [...]»

s.v. *medicina*: «[...] particularidades que a idade do enfermo lle imprime á patoloxía [...]»; «Precisamente, o xeito de entraren dáalles nome ás enfermidades máis tipicamente propias de bruxas.» [dativo pleonástico]

s.v. *motor*: «En 1922 déuselle aplicación ao primeiro motor deste tipo no campo do automóbil.»; «[...] que lle dá nome ao motor [...]» [dativo pleonástico]

s.v. *oído*: «[...] permite igualar a presión a ambos os dous lados da membrana timpánica.» [por: a ambos os lados]

3.2.2. REDACCIÓN

s.v. *aceite*: «En España o cultivo da oliva esténdese por todo o territorio, agás Galicia, o litoral cantábrico, Castela e León, e Islas Canarias. En Galicia emprégase só a oliva, froito da oliveira. Pero cómpre dicir que si se deu o cultivo e produción de aceite, aínda que non se pode determinar con exactitude cando comezou a fabricación deste.» [contra a clareza expresiva]

s.v. *cefalópodo -da*: «cefalópodo -da [...] 1 adx Relativo ou pertencente ós cefalópodos.» [As denominacións de táxones de organismos non poden funcionar, em galego, como adxectivos: *metabolismo cefalópodo, *vida cefalópoda, *especie mamífera, *fauna vertebrada]

s.v. *física*: «física [...] 1 *sf fíis* Ciencia que estudia os fenómenos da natureza, dende os máis elementais ós máis complexos. Tendo en conta esta definición, tan xeral, a física contén ciencias tales como a astronomía, a xeoloxía, a química, etc. e por iso se considera nun sentido máis restrinxido. Aínda que as súas leis rexen

tanto na materia viva como na inerte, o estudio dos fenómenos da vida resérvase á bioloxía. Así pois, emprégase tradicionalmente no termo de física ó estudio [sic] das leis xerais da natureza; as leis da termodinámica, por exemplo, son tan válidas para a química como para a bioloxía, a xeoloxía, etc. Cómpre dicir, xa que logo, que a física estudia basicamente as leis do mundo inorgánico. Atendida esta amplitude, ás veces chégase a confundir física e ciencia. É tradicional a división da física clásica en cinco grandes ramas ou partes [...]». [Contra a economía e clareza expresivas!]

3.2.3. USO DOS ARTIGOS

s.v. *aceiro*: «A porcentaxe de carbono que caracteriza o aceiro está comprendida entre o 0,05 e o 1,70%.» [por: entre 0,05 e 1,70%] | «Huntsman obtivo no 1740 aceiro fundido» [por: em 1740]; «en Xapón, en China» [por: no Japón, na China]

s.v. *aluminio*: «Friedrich Wöhler illouno por vez primeira no 1827.» [por: isolou-no pola primeira vez em 1827] | «Constitúe o 8,13% da codia terrestre.» [por: Constituí 8,13% da crusta terrestre]

s.v. *chumbo*: Mal.

s.v. *cobra* (Zool.): Mal

s.v. *equinodermo -ma*: Mal: «Existen unhas 600 especies [...]» [por: existen c. 600 especies...]

s.v. *microscopio*: «En ambos casos» [por: en ambos os casos].

s.v. *motor*: «[...] e en toda clase de máquinas vibradoras.» [por: e em toda a clase...]

3.2.4. DATIVO DE POSSE

s.v. *aceiro*: 0; s.v. *aluminio*: 0; s.v. *bario* (Quím.): 0; s.v. *bomba* (Tecnol): 0; s.v. *célula*: 0

s.v. *chumbo*: 1: «En aliaxe co estaño, que lle rebaixa notablemente o punto de fusión, emprégase no metal de soldadura [...]»

s.v. *cobra* (Zool.): 0; s.v. *darwinismo*: 0; s.v. *efémera*: 0; s.v. *equinodermo -ma*: 0; s.v. *física*: 0; s.v. *fisioloxía*: 0; s.v. *mecánica*: 0; s.v. *medicina*: 0; s.v. *microscopio*: 0; s.v. *motor*: 0

3.2.5. FOCALIZACIÓN POR CLIVAGEM

s.v. *aceiro*: 0; s.v. *aceite*: 0

s.v. *aluminio*: 1: «Pero non é ata finais do 1955 que aparece un panorama “moderno” [...]»

s.v. *bario* (Quím.): 0; s.v. *bomba* (Tecnol): 0; s.v. *célula*: 0; s.v. *chumbo*: 0; s.v. *cobra* (Zool.): 0; s.v. *darwinismo*: 0; s.v. *efémera*: 0; s.v. *equinodermo -ma*: 0

s.v. *física*: 1: «É por iso que, no s. XX, o desenvolvemento da física nuclear e da astrofísica revolucionaron as teorías de sempre [...]»

s.v. *fisiología*: 0; s.v. *mecánica*: 0; s.v. *medicina*: 0; s.v. *microscopio*: 0; s.v. *motor*: 0

3.2.6.FUTURO DO INDICATIVO HIPOTÉTICO OU PREDITIVO

s.v. *aceiro*: 0; s.v. *aceite*: 0; s.v. *aluminio*: 0; s.v. *bario* (*Quím.*): 0; s.v. *bomba* (*Tecnol.*): 0; s.v. *célula*: 0; s.v. *chumbo*: 0; s.v. *cobra* (*Zool.*): 0; s.v. *darwinismo*: 0; s.v. *efémera*: 0; s.v. *equinodermo -ma*: 0; s.v. *física*: 0; s.v. *fisiología*: 0; s.v. *mecánica*: 0; s.v. *medicina*: 0; s.v. *microscopio*: 0; s.v. *motor*: 0

3.2.7.PRESENTE DO CONJUNTIVO DE ESTIMATIVA, EXEMPLIFICAÇÃO OU NEXUAL

s.v. *aceiro*: 0; s.v. *aceite*: 0; s.v. *aluminio*: 0; s.v. *bario* (*Quím.*): 0; s.v. *bomba* (*Tecnol.*): 0; s.v. *célula*: 0; s.v. *chumbo*: 0; s.v. *cobra* (*Zool.*): 0; s.v. *darwinismo*: 0; s.v. *efémera*: 0; s.v. *equinodermo -ma*: 0; s.v. *física*: 0; s.v. *fisiología*: 0; s.v. *mecánica*: 0; s.v. *medicina*: 0; s.v. *microscopio*: 0; s.v. *motor*: 0

3.2.8.FUTURO DO CONJUNTIVO

s.v. *aceiro*: 0: «[...] determina o aceiro segundo o aditivo desoxidante que se poña.» [por: que se puger]; «[...] que recibe diversos nomes en función da cantidade de carbono que conteña [...]» [por: que contiver]

s.v. *aceite*: 0

s.v. *aluminio*: 0: «[...] e, de se quere [sic] maior pureza...» [por: e, se se quiger...]

s.v. *bario* (*Quím.*): 0

s.v. *bomba* (*Tecnol.*): 0: «Se é preciso que a bomba sexa autocebada, son máis apropiadas [...]» [por: se for preciso]; «[...] segundo se o bombeo se produce [...]» [por: se produzir]; «baséase no feito de que a temperatura de vaporización dun fluído é máis alta canto máis alta É a presión á que se somete.» [por: quanto mais alta for]

s.v. *célula*: 0: «segundo a fase do ciclo celular en que se atope a célula [...]» [por: em que se achar/encontrar a célula]; «[...] se as células non teñen membrana rixida fálase de [...]» [por: nom tiverem]

s.v. *chumbo*: 0; s.v. *cobra* (*Zool.*): 0; s.v. *darwinismo*: 0; s.v. *efémera*: 0; s.v. *equinodermo -ma*: 0; s.v. *física*: 0

s.v. *fisiología*: 0: «[...] de conservalo tan constante como sexa posible.» [por: de o conservar tam constante como for possível]

s.v. *mecánica*: 0: «O segundo postulado establece que as interaccións se comunican instantaneamente dun móbil ó outro, por ben afastado que se atopen.» [por: por bem afastados que eles se encontrarem]; «[...] que se denomina laminar se as traxectorias de partículas próximas non chegan a cruzarse nunca [...]» [por: nom chegarem]

s.v. *medicina*: 0: «Se o desequilibrio se mantén, hai que recorrer ó fármacos [...]» [por: Se o desequilibrio se mantiver...]

s.v. *microscopio*: 0: «Se o obxectivo é transparente, obsérvase [...]» [por: for transparente].

s.v. *motor*: 0: «[...] clasifícanse os motores en térmicos ou atérmicos segundo utilicen ou non a enerxía [...]» [por: segundo utilizarem ou nom...]

3.2.9.INFINITIVO FLEXIONADO

s.v. *aceiro*: 0: «[...] que teñen a propiedade de temperar ó aire sen deformación [...]» [por: susceptibles de incorporar [...]» [por: propiedade de temperarem; capaces de incorporarem].

s.v. *aceite*: 1: «Nas colleitas de autoabastecemento as olivas esmagadas vertíanse no barcal para seren pisadas ó tempo que se mesturaban con auga quente.»

s.v. *alcalinotérreo -a*: 0: «A estabilidade desta configuración e o feito de que o segundo destes electróns se perde máis facilmente có primeiro, fai que a súa valencia sexa sempre dúas.» [por: e o facto de o segundo destes electrons se perder]

s.v. *aluminio*: 0; s.v. *bario* (*Quím.*): 0

s.v. *bomba* (*Tecnol.*): 0: «baséase no feito de que a temperatura de vaporización dun fluído é máis alta canto máis alta é a presión á que se somete.» [por: no facto de a temperatura de vaporización de um fluído ser mais alta]

s.v. *cefalópodo -da*: 1: «Empregan este sistema para informar do perigo, para camuflárense e [...]» [falha a colocación do pronome átono: para se camuflarem]; Mas: «Moitas especies presentan aletas que lles serven como propulsores, estabilizadores ou para enterrarse na area.» [por: ou para se enterrarem]; «Presentan células musculares finas que, ó contraerse, expanden o cromatóforo [...]» [por: que, ao contraírem-se]; «Para mellorar a flotabilidade presentan cunchas [...]» [por: Para melhorarem a fluutuabilidade, os cefalópodes apresetam...]

s.v. *célula*: 0; s.v. *chumbo*: 0; s.v. *cobra* (*Zool.*): 0; s.v. *darwinismo*: 0

s.v. *efémera*: 0: «[...] característica que lles permite desprenderse da tona da auga.» [por: que lles permite desprenderem-se...]

s.v. *equinodermo -ma*: 0: «Existen unhas 900 especies, nas que se distinguen: os ourizos regulares, de fondos rochosos, que poden furacar superficialmente a rocha para protexerse [...]» [por: para se protegerem]; «Tamén posúen [os equinodermos] series de pés ambulacrais que serven para desprazarse e capturar o alimento [...]» [por: que lles servem para se deslocaem e capturarem o alimento...]

s.v. *física*: 0: «[...] non foron capaces de observar os fenómenos en ningunha experiencia preconcebida (experimento) para poder illar os efectos parasitos.»

[por: para poderem isolar...]; «A comezos do s XX os descubrimentos científicos obrigaron os investigadores a renunciar a esta visión da física [...]» [por: obrigáron os investigadores a renunciarem...]; «O terceiro principio básico [...] era o principio de continuidade, que expresaba a noción, profundamente arraigada, de que os movementos da natureza son graduais [...]» [por: de os movementos da natureza serem graduais]

s.v. *fisiología*: 0

s.v. *mecánica*: 0: «[...] e o primeiro polo feito experimental (Michelson e Morley) de que a propagación da luz non é conforme á cinemática clásica [...]» [por: polo facto experimental (Michelson e Morley) de a propagación da luz non ser conforme à...]; «O postulado fundamental afirma que os movementos dos corpúsculos son autónomos [...]» [por: afirma os movementos dos corpúsculos serem autónomos...]

s.v. *medicina*: 1: «Precisamente, o xeito de entraren dálles nome ás enfermidades máis tipicamente propias de bruxas.»

s.v. *microscopio*: 0: «No MEV desprázase o feixe de electróns ao longo do corpo estudado e a aplicación monitorízase sen necesidade de usar lentes de aumento.» [por: sen necesidade de se usarem lentes de aumento]

s.v. *motor*: 0

3.2.10. INFINITIVO GERUNDIAL ATRIBUTIVO

s.v. *aceiro*: 0; s.v. *aceite*: 0; s.v. *aluminio*: 0; s.v. *bario* (*Quím.*): 0; s.v. *bomba* (*Tecnol.*): 0; s.v. *célula*: 0

s.v. *chumbo*: 0: «[...] os chineses foron os primeiros en empregalo no seu sistema monetario.» [por: os primeiros a empregá-lo...]

s.v. *cobra* (*Zool.*): 0

s.v. *darwinismo*: 0: «Os primeiros en presentar obxeccións [...]» [por: os primeiros a apresentar(em) objecções...]

s.v. *efémera*: 0; s.v. *equinodermo -ma*: 0

s.v. *física*: 0: «Os gregos foron os primeiros en estudar a materia dunha maneira científica, en observar [...]» [por: os primeiros a estudar(em) a materia dunha maneira científica, a observar(em)...]

s.v. *fisiología*: 0: «S. Hales foi o primeiro en medir a circulación do sangue.» [por: o primeiro a medir...]

s.v. *mecánica*: 0; s.v. *medicina*: 0; s.v. *microscopio*: 0; s.v. *motor*: 0

3.2.11. GERÚNDIO (em colisión con o castelano)

s.v. *aceiro*: 0; s.v. *aceite*: 0; s.v. *aluminio*: 0; s.v. *bario* (*Quím.*): 0; s.v. *bomba* (*Tecnol.*): 0; s.v. *célula*: 0; s.v. *chumbo*: 0; s.v. *cobra* (*Zool.*): 0; s.v. *darwinismo*: 0; s.v. *efémera*: 0;

s.v. *equinodermo -ma*: 0; s.v. *física*: 0; s.v. *fisiología*: 0; s.v. *mecánica*: 0; s.v. *medicina*: 0; s.v. *microscopio*: 0; s.v. *motor*: 0

3.2.12. PERFECTIVIDADE

s.v. *aceiro*: 0; s.v. *aceite*: 0; s.v. *aluminio*: 0; s.v. *bario* (*Quím.*): 0; s.v. *bomba* (*Tecnol.*): 0; s.v. *célula*: 0; s.v. *chumbo*: 0; s.v. *cobra* (*Zool.*): 0; s.v. *darwinismo*: 0; s.v. *efémera*: 0; s.v. *equinodermo -ma*: 0; s.v. *física*: 0; s.v. *fisiología*: 0; s.v. *mecánica*: 0; s.v. *medicina*: 0; s.v. *microscopio*: 0; s.v. *motor*: 0

3.2.13. PERÍFRASE TERMINATIVA (vir (+ a) + infinitivo)

s.v. *aceiro*: 0; s.v. *aceite*: 0; s.v. *aluminio*: 0; s.v. *bario* (*Quím.*): 0; s.v. *bomba* (*Tecnol.*): 0; s.v. *célula*: 0; s.v. *chumbo*: 0; s.v. *cobra* (*Zool.*): 0;

s.v. *darwinismo*: 0: «Esta hipótese, que consideraba provisional, non puido ser confirmada experimentalmente e resultou ser errónea [...]» [por: e veu (a) revelar-se errónea]

s.v. *efémera*: 0; s.v. *equinodermo -ma*: 0; s.v. *física*: 0; s.v. *fisiología*: 0; s.v. *mecánica*: 0; s.v. *medicina*: 0; s.v. *microscopio*: 0; s.v. *motor*: 0

3.2.14. PASSIVA PRÓPRIA

s.v. *aceiro*: 0: «Os procedementos de Besemer e Martin perfeccionáronse coa práctica da oxidación [...]» [por: fôrom aperfeiçoados]

s.v. *aceite*: muito baixa freq.: «O máximo apoxeo acadouse cara ós ss XVII e XVIII, sen embargo, durante o s XIX a elaboración [...]»; «Despois de limpalas pásanse ó muíño, onde se reducen a unha pasta [...]»

s.v. *alcalóide*: muito baixa freq.: «A valoración dos alcaloides pode facerse por acidimetría [...]» [por: pode ser feita]

s.v. *aluminio*: muito baixa freq.: «Analiticamente, o aluminio detéctase co vermello de alizarina.» [por: Analiticamente, o aluminio é detectado mediante o vermello de alizarina]

s.v. *bario* (*Quím.*): muito baixa freq.

s.v. *cefalópodo -da*: 0: «Comprobouse, de xeito experimental, a súa capacidade [...]»

s.v. *célula*: 0: «Coa axuda do microscopio electrónico e de estudos bioquímicos descubríronse moitos niveis [...]»

s.v. *chumbo*: 0: «En Exipto, o chumbo vermello e o óxido de chumbo empregáronse en cosmética.»

s.v. *cobra* (*Zool.*): 0

s.v. *darwinismo*: muito baixa freq.: «Coa obra *Descent* aconteceu algo semellante, así, fixéronse traducións ó alemán [...]» [por: semellante; assim, fôrom feitas traducións...]

s.v. *efémera*: 0: «[...] teñen dúas fases aladas no seu ciclo de vida, feito que se considera un vestixio evolutivo.»

s.v. *equinodermo -ma*: 0

s.v. *física*: 0: «Aristóteles construíu unha visión xeral da natureza que se considerou inamovible durante toda a Idade Media.»; «Cara a 1900 o concepto de natureza que se estableceu na primeira revolución científica deu os seus últimos resultados [...]. Descubriáanse fenómenos novos [...].»; «As indeterminacións aparentes atribuíanse á ignorancia.» «As hipóteses básicas que fundamentaban as concepcións do s XIX abandonáronse.»

s.v. *fisiología*: 0: «No s XVIII fixéronse grandes progresos [...].» [por: fôrom feitos...]

s.v. *mecánica*: 2: «O comportamento de plasmas e líquidos conductores dentro dos campos magnéticos é estudiado pola magnetohidrodinámica.»; «[...] e a rede de corrente pode ser estudada matematicamente sen moita dificultade.»; Mas: «Os primeiros estudos teóricos fixéronse [...]. Máis tarde introduciuse» [por: fôrom feitos... foi introduzido]

s.v. *medicina*: muito baixa freq.

s.v. *microscopio*: muito baixa freq.: «No MEV desprázase o feixe de electróns ao longo do corpo estudado e a amplicación monitorízase sen necesidade de usar lentes de aumento.»

s.v. *motor*: baixa freq.

3.2.15.FÓRMULAS ELÍPTICAS DO VERBO

s.v. *aceiro*: 0; s.v. *aceite*: 0;

s.v. *aluminio*: 0: «[...] de cor branca prateada cando é puro [...].» [por: quando puro]

s.v. *bario* (Quím.): 0; s.v. *bomba* (Tecnol.): 0; s.v. *célula*: 0; s.v. *chumbo*: 0; s.v. *cobra* (Zool.): 0; s.v. *darwinismā*: 0; s.v. *efémera*: 0; s.v. *equinodermo -ma*: 0; s.v. *física*: 0; s.v. *fisiología*: 0; s.v. *mecánica*: 0; s.v. *medicina*: 0; s.v. *microscopio*: 0; s.v. *motor*: 0

4. Nível lexical

4.1. Léxico geral

4.1.2.GEOSSINÓNIMOS E OUTRAS MODALIDADES DE VARIAÇÃO LEXICAL

s.v. *aceiro*: *escura* por *escória*, *baleiro* por *vazio/vácuo*; *esquelete* por *esqueleto*

s.v. *aceite*: *oliva* por *azeitona*, *eixe* por *eixo*, *olivar* por *olival*

s.v. *aceite*: «os aceites soen clasificarse» / s.v. *aceite*: «Acostuma a distinguirse»

/ s.v. *célula*: «adoita estar relacionada» / s.v. *célula*: «acostuma ser semicilíndrico» / s.v. *cólico -ca*: «adoita ir acompañado»

s.v. *aluminio*: *mestura* por *mistura*; *quentar* por *aquecer*, *xofre* por *enxofre*.

s.v. *bomba* (Tecnol.): *a calor* por *o calor*

s.v. *cefalópodo -da*: *lura* por *lula*, *cuncha* por *concha*

s.v. *chumbo*: *tinguir* por *tingir*; *enxiva* por *gingiva*

s.v. *cobra* (Zool.): *mentres (que)* por *enquanto (que)*; *veneno* por *veneno*

s.v. *fisiología*: «baixo o efecto da luz» por «so(b) o efeito da luz»

s.v. *mecánica*: *aire* por *ar*

s.v. *medicina*: *enfermidade*, *enfermo* por *doença*, *doente*; *ril* por *rim*, *gorxa* por *gar-ganta*; *oído* por *ouvido*; *Evanxeo* por *Evangelho*, *xabaryl* por *javali*

s.v. *medicina*: «O despertar na Baixa Idade Media [...]» / «[...] no espertar científico [...]»

s.v. *merlo*: *peteiro* por *bico*

s.v. *motor*: *amosar* por *mostrar*; *chispa* por *fáisca* [em *ignição* por *fáisca*]; *mentres (que)* por *enquanto (que)*

s.v. *oído*: *fiestra oval*, *ventá redonda*, por *janela*.

s.v. *paporrubio*: *paporrubio* [= *papo-ruivo*] por *pisco*.

4.1.3.CASTELHANISMO

s.v. *aceite*: **seguir* [«sigan a ser comestibles»] por *continuar*, **melocotón* por *pêssego*

s.v. *allo*: **olor aliáceo* por *cheiro* [~ *odor*].

s.v. *aluminio*: **sembrar de cristais* por *semeadura de cristais*; **colación* por *coadura/escoamento*; **posto que* por *já que* / *dado que*

s.v. *bario* (Quím.): **anións coloreados* por *corados*; **grisáceo* por *cinzento* (*grisalho*)

s.v. *bomba* (Tecnol.): **bomba dobre* por *bomba dupla*

s.v. *cefalópodo -da*: **velo* por *vél*, **aleta* por *barbatana*; *cambio* [estacional] por *mudança*; **maduración sexual* por *maturação/amadurecimento sexual*; **máis grande* por *maior*; **chorro* por *jorro/jacto*; «Outras, como os polbos, non só sobreviven a ela [à postura] senón que a cuidan defendéndoa dos depredadores [...]» [por: nom só sobrevivem a ela, como também/mas também a cuidam, defendendo-a dos predadores]; **gran tamaño* por *grande tamanho*.

s.v. *célula*: «Incluso hai células [...]» [por: Mesmo há células...]; **pila* por *pilha*

s.v. *cobra* (Zool.): **franxa* por *faixa*; **ancho* por *largo*

s.v. *darwinismā*: *baixo*, nunca *so(b)*: «baixo a domesticación»; **intentar* ('fazer tentativa') por *tentar*; **provisional* por *provisório*; **triple* por *triplo -a*; «no marco dun dualismo» por «no quadro dum dualismo»

s.v. *efêmera*: *ala por asa; *cepillo por escova; *incluso por mesmo ou inclusivamente
s.v. *enriquecimento*, rótulo da figura: *cambiador de calor por trocador/permutador de calor.

s.v. *fisiologia*: *abono por adubo/fertilizante

s.v. *malaria*: Enfermidade infecciosa | s.v. *leucemia*: grupo de enfermidades [castelhanismo de frequência, face a doença]

s.v. *medicina*: *campá por sino; *tirar por botar ou atirar; *sucio por sujo; *unhas tesoiras por unha tesoira

s.v. *Médicos sen fronteiras*: «catástrofes de orixe natural ou humano» [por: humana]

s.v. *microordenador*: *tarxeta por cartom; *cable por cabo

s.v. *microscopio*: *subministrar [castelhanismo de frequência, face a fornecer]

s.v. *motor*: *gases requedidos por gases (novamente/muito) aquecidos; *dobre efecto por duplo efecto

s.v. *moucho*: *cabeza ancha por cabeça larga

s.v. *oído*: *cambio de posición, *cambio de presión, por mudança.

4.1.4. HIPERDIFERENCIALISMO (> registo!)

s.v. *aceiro*: *compoñente [por: componente], «Atópanse tres fases características» [por: Acham-se/Encontram-se]; «acadou unha cifra máxima» [por: atingiu-se/alcançou-se]; «está próxima a rematar» [por: concluir, terminar, findar, acabar]; «xerou unha falla de investimentos» [por: falta de investimentos]

s.v. *aluminio*: «acadándose deste xeito purezas» [por: alcançando-se/atingindo-se deste modo / desta maneira], «malia a competencia» [por: malgrado a /apesar da concorrência]

s.v. *bario* (Quím.): agás por excepto

s.v. *bomba* (Tecnol.): «[...] para baleiros moi elevados é preciso percorrer ás bombas de absorción [...]» [por: vácuos/vazios].

s.v. *cefalópodo -da*: «Comprobase, de xeito experimental, a súa capacidade [...]» [por: de modo experimental]; agás por excepto; *dende por desde; «morren logo da posta» por depois da/após a/a seguir; «Non presentan [os cefalópodes] metamorfoses e as formas novas só se distinguen dos adultos, á parte do tamaño, polas proporcións corporais.» [por: as formas jovens / os individuos jovens / os jovens]

s.v. *cobra* (Zool.): «O dorso dos adultos é de cor amarelada [...], e o dos animais novos, que non sobrepasan os 30 cm, presenta dúas liñas [...]»; *acadar por alcançar, atingir

s.v. *darwinisma*: «[...] observacións realizadas logo do nacemento do seu fillo.» [por: depois do / após o].

s.v. *darwinismo*: «foi quen de elaborar un modelo» [por: foi capaz de elaborar].

s.v. *darwinismo*, figura: *gandeiría, por pecuária.

s.v. *darwinismo*: *eido social por campo social

s.v. *medicina*: «Ó longo do s XVIII a ciencia médica tivo un novo pulo, sobre todo no eido da anatomía [...]» [por: experimentou un novo impulso, sobreto do no campo da anatomía...]

4.1.5. VOCÁBULO MAL ESCRITO/FORMADO/USADO

s.v. *alcalinotérreo -a*: «A estabilidade desta configuración e o feito de que o segundo destes electróns se perde máis facilmente có primeiro, fai que a súa valencia sexa sempre dúas» [por: seja sempre +2 / dous].

s.v. *aluminio*: *troco de mercados por mudança de mercados; *trazas [de elemento] por vestigios; «con fins decorativas» [por: fins decorativos]

s.v. *bomba* (Tecnol.): «[...] para baleiros moi elevados é preciso percorrer ás bombas de absorción [...]» [por: recorrer]

s.v. *célula*: *pola contra por polo contrario

s.v. *cobra* (Zool.): *cinsento por cinzento

s.v. *equinodermo -ma*: «[...] os ourizos regulares, de fondos rochosos, que poden furacar superficialmente a rocha para protexerse [...]» [por: furar, esburacar, perfurar...]

s.v. *física*: «[...] o aire e o lume van cara a arriba, e as pedras, cara a abaixo.» [por: cara acima/para acima, cara abaixo/para abaixo]

s.v. *mecánica*: «Rutherford atopa a primeira evidencia do protón.» [por: encontra os primeiros indicios/prova...]; «[...] a mecánica clásica, nomeada tamén mecánica newtoniana [...]» [por: dita/chamada/denominada]

s.v. *medicina*: «O derrubamento do imperio abriu un longo período [...]» [por: O desmoronamento / A derrocada / O ruir...]

s.v. *motor*: *pola contra por polo contrario

4.2. Léxico especializado (terminología e fraseología especializada)

4.2.1. Erros de habilitación

4.2.1.1. NEOLOGIA INSOLIDÁRIA: CASTELHANISMO

– Soluções impossíveis em galego:

habilitação do participio de passado como substantivo indicativo de acção ou processo: *o *insuflado*, *o *laminado*, *o *temperado*, *o *baleirado*, *o *recocido*, *o *requentado* (s.v. *aceiro*; por: a *insuflação*, a *laminação/laminagem*, a *têmpera*, o *esvaziamento*, o *recozimento*/a *recozedura*, o *aquecimento*); *o *prezado* (s.v. *aceite*; por: a *prensagem*); *o *moldeado* (s.v. *aluminio*; por: a *moldação/moldagem*); *o *refinado* (s.v. *chumbo*; por: a *refinação*); *o *lavado* (s.v. *medicina*; por: a *lavagem*); *o *varrido*, *o *guiado* (s.v. *microscopio*; por: o *varrimento*/a *varredura*, o *guiamento*/a *guia*)

s.v. *aceiro*: *colación por *escoadura* [de (es)coar]

s.v. *aluminio*: *codia terrestre por *crusta terrestre*; s.v. *codia*: *codia cerebral, *codia suprarrenal [côdea do pam, do queijo, do toucinho! Por: córtex]

s.v. *caule*: «caule [...] [port: caule; cast: caule; ingl: stem, stalk] s m BOT Parte do eixe vexetal que ten, as máis das veces, un crecemento ascendente e que, no caso de dividirse, dá lugar ás pólas. SIN: talo.» | «cormo [...] s m BOT Corpo vexetativo pluricelular dos fentos e das plantas con sementes, constituído pola raíz, o talo e as follas. O cormo presenta tecidos conductores complexos que o diferencian do talo dos talófitos, do que, evolutivamente, procede.» | «²chumbeira Crasulácea do xénero *Opuntia* da familia das cactáceas. Está provista dun talo que pode acadar o 8 m de altura, que pode ser espiñento, dividido en artellos elipsoides e sen follas, ou cilíndrico e coas follas longas, estreitas e cilíndricas.» | «alho Planta herbácea vivaz, de follas lineais e talo cilíndrico, de 30 a 40 cm de altura, culminado por unha umbela de flores brancas ou avermelladas.»

s.v. *cobra* (Zool.): «¹cobra [...] 1 ANIMAL 1 [port: cobra; cast: culebra; ingl: snake] s f Serpe da familia dos colúbridos coa cabeza cuberta de grandes escamas, a pupila habitualmente redonda, a cola proporcionalmente longa e o dorso e os costados con pequenas escamas, mentres que o ventre está protexido por grandes escamas transversais. [...] 2 [port: cobra-capelo; cast: cobra; ingl: cobra] s f ANIMAL Serpe do xénero *Naja*, da familia dos elápidos, caracterizada pola alta toxicidade do seu veneno, que inxecta no corpo da vítima, e pola capacidade para expandir o pescozo, en caso de alarma, contraelo e xirar as súas costelas, feito que provoca a extensión do pelexo que as cobre, co que manifestan os distintos deseños de advertencia tales como debuxos, colares ou bandas.» | O artigo inclui: *cobra india = *cobra de anteollos (*Naja naja*) [= cobra-capelo-indiana = naja-indiana], *cobra exipcia (*Naja haje*) [= cobra-capelo-do-egipto], *cobra real (*Naja hannah*) [= naja-real], *cobra de pescozo negro = *cobra cuspidora (*Naja nigricollis*) [= naja-cuspideira].

s.v. *cólico* -ca: «cólico -ca [...] 1 ANAT 1 adx Relativo ou pertencente ó colon. [...] 2 PAT 1 s m Dor aguda e paroxística, ocasionada habitualmente polo

espasmo dun órgano oco. 2 **cólico hepático/cólico biliar** **Dor moi intensa** no epigastrio e no hipocondrio dereito, producida pola contracción espasmódica da vesícula e dos conductos biliares.». [em vez do correcto: a *cólica* (= a dor cólica)]

s.v. *lousado*: «2 s m Conxunto de lousas que forman a **cuberta** dunha casa. CFR: *telado* 3 s m **Pavimento** feito de lousas. SIN. *lastrado*.» | «**lousa**: 1 s f XEOL Rocha sedimentaria, do grupo dos silicatos, de gran fino [...] 2. s f Peza desta rocha, lisa e delgada que ten diferentes usos, especialmente para a construción. SIN *loux*. 3 s f p ext Pedra plana e delgada que se emprega para **pavimentar**. SIN *laxa*, *laxe*, *loux*.».

s.v. *marmelada*: «**marmelada** (< *marmelo*) [port: marmelada; cast: mermelada; ingl: jam] s f ALIM Elaboración gastronómica feita con froita reducida á polpa e azucre, que se obtén pola mestura das dúas cousas e a súa cocción. Nalgúns tipos (*ameixa e pexego*) a cocción é sen azucre, pero normalmente acada un 45-65 de sacarosa.» | «**marmelo** [...] 1 s m BOT/ALIM Froito comestible do marmeleiro, que é de cor amarela e con forma de pera, pero máis irregular. Utilízase para facer marmelada. 2 s m **Marmelada compacta de marmelo**.».

– Soluçon castelhana contrária à etimologia (e etimológica a luso-brasileira):

s.v. *aceiro*: *electrodo por *eléctrodo*, *prototipo por *protótipo*

s.v. *aceite*: *vitriolo por *vitriolo*

s.v. *bomba* (Tecnol.): *periferia [periféria] por (RAG-ILG) *perifería*

s.v. *cefalópodo* -da: *cerebro por *cérebro*

s.v. *célula*: *gameto por *gámeta*, *electrolito por *electrólito*

s.v. *cobra* (Zool.): *opistoglifo por *opistóglifo*

s.v. *darwinismo*: *fenotipo, *xenotipo, por *fenótipo*, *genótipo*

s.v. *figado*: *hepatocito por *hepatócito* | s.v. *leucemia*: *leucocito por *leucócito*

s.v. *física*: *Arquímedes por *Arquimedes*

s.v. *fisiología*: *ósmose por *osmose*

s.v. *medicina*: *radioterapia (terápia) por *radioterapia*; *variola por *variola*; *astrinxente por *adstringente*; *síntoma por *sintoma*

s.v. *micróspora*: *espora e *micróspora por *esporo* e *micrósporo*

s.v. *Pegaso*: *Pegaso por *Pégaso*

– Soluçon castelhana “estranha” ou “idiosincrática”:

s.v. *aceiro*: *formigón armado [por: *betom armado*]

s.v. *aceite*: *aceite [de sementes, de girassol, lubrificante, etc.] [por: *óleo*]; *manteiga de porco [polo cast. *manteca de cerdo*, por: *banha (de porco)*]

s.v. *aluminio*: *sosa cáustica [por: soda cáustica]
 s.v. *bomba* (Tecnol.): *árbore de levas [por: veio de excêntricos]
 s.v. *cefalópodo -da*: *lóbulo [do cérebro] por *lobo*
 s.v. *cobra* (Zool.): *ano por *ánus*
 s.v. *figado*: *lóbulo direito [do figado] por *lobo direito*.
 s.v. *motor*: *cegoñal por *eixo da cambota*; *árbore de levas por *veio de excêntricos*; *aceite lubrificante por *óleo lubrificante*
 s.v. *motor*: *culata (do cilindro) por *cabeça (do cilindro)*

– Sufixos nomenclaturais castelhanos: *dolomita, *carburo (s.v. *aceiro*; por: *dolomite*, *carboneto*); *hidrocarburo (s.v. *aceite*; por: *hidrocarboneto*); *criolita, *fluoruro cálcico, *bauxita, *halóxeno (s.v. *aluminio*; por: *criolite*, *fluoreto de cálcio*, *bauxite*, *halogeneto*); *barita (s.v. *bario* (Quím.); por: *barite*); *cloruro amónico (s.v. *cefalópodo -da*; por: *cloreto de amónio*); *celulosa, *protozoos (s.v. *célula*; por: *celulose*, *protozoários*); *colúbridos (s.v. *cobra* [Zool.]; por: *Colubrídeos*); *bétidos, *heptaxénidos (s.v. *efémera*; por: *Betídeos*, *Heptagenídeos*), *holotúridos, *pelmatozoos (s.v. *equinodermo -ma*; por: *holoturóides*, *pelmatozoários*)

– Amostra (pouco detalhada!) doutros casos: *crisol, *manganeso, *osíxeno, *contido, *cinta transportadora, *cimento, *forxa, *cromo (s.v. *aceiro*; por: *cadinho*, *manganésio*, *oxigénio*, *teor*, *correia transportadora*, *cimento*, *forjadura/forjagem/forjamento*, *crómio*); *miles, *cacahuete, *gramo, *pétalo (s.v. *aceite*; por: *milhares*, *amendoim*, *grama*, *pétala*); *reaccionan (s.v. *alcalinotérreo -a*, por *reagem*); *táboa periódica, *illar [um elemento], *capa [de óxido], *nitróxeno, *aliaxe [única solução: cast. de freq.], *desprazamento, *material de oficina, *catalizador, *lubrificante, *colorante, *caolín (s.v. *aluminio*; por: *tabela periódica*, *isolar*, *camada*, *azoto* [nitrogénio], *liga*, *deslocamento*, *material de escritório*, *catalisador*, *lubrificante*, *corante*, *caulino/caulim*); *alcalinotérreo, *descompor, *misto de seguridade [cast. *mixto*] (s.v. *bario* (Quím.); por: *alcalinoterroso*, *decompor*, *fósforo de segurança*); *paleta, *bombeo, *impulsar, *globo ['balom, brinquedo'] (s.v. *bomba* (Tecnol.); por: *palheta*, *bombeamento/bombagem*, *impulsionar*, *balom*); *patrón, *propulsión a chorro, *posta (s.v. *cefalópodo -da*; por: *padrom*, *propulsom a jacto*, *postura*); *orgánulo [celular], *aparato de Golgi, *neurona, *axón, *tripleto [de bases], *complementario (s.v. *célula*; por: *organito/organelo*, *aparato de Golgi*, *neurónio*, *axónio*, *tripleto*, *complementar*); *elemental, *cable, *vernizar, *xacemento [de mineral], *vidreira [janela], *reactivo [subst.], *alcohol, *clorofórmo (s.v. *chumba*; por: *elementar*, *cabo*, *envernizar*, *jazigo* ou *jazida*, *vitral*, *reagente*, *álcool*, *clorofórmio*); *cola, o *iris*, *indio [adj. 'da Índia'], *cobra de pescozo negro ou *cobra cuspidora (s.v. *cobra* [Zool.];

por: *cauda*, a *iris*, *indiano*, *naja-cuspideira*); *científico [subst.], *sistemático [subst.], *poboación [Biol.], *supervivencia, sempre *herdanza* e nunca *hereditariedade*, *primates, *mellora [genética], *desnaturalización (s.v. *darwinismo*; por: *cientista*, *sistemata*, *população*, *sobrevivência*, *primatas*, *melhoramento* [genético], *desnaturalização*); *larvario, *auga *salobre*, *diatomea (s.v. *efémera*; por: *larvar*, *água salobra*, *diatomácea*); *estrela *de mar*, *pé ambulacrál, *contido en proteínas (s.v. *equinodermo -ma*; por: *estrela-do-mar*, *pé ambulacrário*, *teor em proteínas*); *elemental, *rama, *é dicir, *táboa periódica (s.v. *física*; por: *elementar*, *ramo*, *quer dizer/isto é*, *tabela periódica*); *aparato reproductor, *glicóxeno, *osíxeno, *a rama da fisioloxía vexetal, *por tada do libro (s.v. *fisiología*; por: *aparato reprodutor*, *glicogénio*, *oxigénio*, *o ramo*, *capa do livro*); *magnitude, *gases enrarecidos (s.v. *mecánica*; por: *grandeza*, *gases rarefeitos*); *dátil, *conductor, *previr, *embarazada, *aparato respiratorio, *fronte [da investigação], *gravado, *Ilustración, *pago (s.v. *medicina*; por: *támara*, *ducto*, *prevenir*, *grávida*, *aparato respiratório*, *fronte*, *gravura*, *Iluminismo/Século das Luzes*, *pagamento*); *aparato (s.v. *microordenador*; por *aparato*); *obxectivo, *o ocular, só o *cubeobxectos* e o *portaobxectos*, *o paso (s.v. *microscopio*; por: *objectiva*, *a ocular*; tb. respect. *lamela* e *lâmina*, *a passagem*); *reloxo, *a dínamo, *corrente alterna, *patentar (s.v. *motor*; por: *relógio*, *o dínamo*, *corrente alternada*, *patente*)

4.2.1.2. NEOLOGIA INSOLIDÁRIA: ONOMATURGIA OU SEMANTURGIA

s.v. *aceiro*: *ferramentas de tallo por *ferramentas de corte*; *piar 'coluna de construção' por *pilar*
 s.v. *aceite*: *soia por *soja*
 s.v. *cefalópodo -da*: *(animal) *preeiro* por (animal) *necrófago* [a partir de *preia* 'carniça', segundo o modelo castelhano *carrroña - carroñero*]
 s.v. *chumba*: *depósito por *jazigo* ou *jazida*
 s.v. *física*: *panca por *alavanca*
 s.v. *leva*: *resorte por *mola*
 s.v. *microscopio*: «[...] son invisibles ao ollo [...]» [por: invisíveis a olho nu / *a olho desarmado* / *à vista desarmada*]; *canón* (de electróns) por *canhom*

4.2.2. Erros de uso

4.2.2.1. REGISTO

s.v. *aceiro*: «[...] as temperaturas van representadas en ordenadas [...]» [por: som/aparecem/surgem representadas]

s.v. *aluminio*: «Dende aquela a produción deste metal foi medrando a un ritmo acelerado.» [por: Desde essa altura, a produção deste metal foi crescendo / tem vindo a crescer].

s.v. *cágado*: «A boca dispónse en posición ventral na cabeza e está provista de mandíbulas cómeas, coas que rilla principalmente as algas.» [por: rói, mordisca].

s.v. *célula*: «[...] porque só hai 20 aminoácidos, co que algúns veñen determinados por máis dun codón [...]» [por: som determinados]

s.v. *cobra* (Zool.): **serpe* por *serpente*; **trabada* por *mordedura*, *mordida* ou *mordedela*: «[...] en caso de alarma, contraelo e xirar as súas costelas, feito que provoca a extensión do pelexo que as cobre [...]» [por: a pele, o tegumento que as reveste]

s.v. *cobra* (Zool.): «O dorso dos adultos é de cor amarelada [...], e o dos animais novos, que non sobrepasan os 30 cm, presenta dúas liñas [...]» [por: e o dos jovens...]

s.v. *equinodermo -ma*: A clase dos holouroideos, denominados popularmente como carallotes [...]» [por: A clase dos holoturóides, denominados popularmente pepinos-do-mar...]

s.v. *física*: «Cara a 1900 o concepto de natureza que se estableceu na primeira revolución científica deu os seus últimos resultados [...]» [por: Cerca de 1900 / Por volta de 1900]

s.v. *medicina*: «Unha nova fase moderna inaugurouse contra a finais [sic] do s. xv.» [por: cerca dos fins do séc. xv]

s.v. *microscopio*: «O ocular é a lente situada na banda do ollo e a súa distancia focal é máis grande ca a do obxectivo.» [por: *laxa*, *maior*]

s.v. *oído*: *canles semicirculares* por *canais semicirculares*.

4.2.2.2. INCOERÊNCIA TERMINOLÓGICA INTERNA

s.v. *bomba* (Tecnol.): *aparello* / s.v. *célula*: **aparato de Golgi* [por: *aparelho*] / s.v. *chumbo*: **aparato de raios X* [por: *aparelho de raios X*] / s.v. *equinodermo -ma*: **aparato mastigador* / s.v. *fisiología*: **aparato reproductor* [por: *aparelho*] / s.v. *microordenador*: **aparato* [por: *aparelho*]

s.v. *cefalópodo -da*: *bico* [córneo e ganchudo] / s.v. *merlo*: *peteiro*

s.v. *cefalópodo -da*: **tirosinasa* [sufixo -asa para enzima] / s.v. *celulase*: *celulase* [sufixo -ase para enzima]

s.v. *eólico -ca*, legenda da figura: *célula electrolítica* / s.v. *eólico -ca*, rótulo da figura: *cela electrolítica*

s.v. *eólico -ca*, rótulo da figura: *pía de combustible* / s.v. *eólico -ca*, legenda da figura: *pila de combustible*

s.v. *galena*: É a mena máis importante do chumbo. / Nom existe a entrada *mena*.

s.v. *iodo*: *raio iónico* / s.v. *chumba*: *radio iónico* / s.v. *alcalinotérreo -a*: ións de radio máis pequenos [sic]

s.v. *medicina*: *raios röntgen* / *raios X*

s.v. *oído*, corpo do artigo: *fiestra oval* / legenda da figura: *ventá redonda*

s.v. *oído*: *bigornia* (>ossículo auditivo) / s.v. *bigornia*: s f Zafra pequena...

4.2.2.3. INCOERÊNCIA TERMINOLÓGICA EXTERNA

Masa Vázquez, Fortes López *et al.* (1995): *declive* (dunha recta) / s.v. *declive*: «1 s m Pendente ou inclinación dun terreo ou dunha superficie en relación a un plano horizontal. [...] 2 s m *fig* Perda progresiva de vigor, forza ou calidade de algo ou de alguén cara á súa destrucción.» [castelhanismo na EGU]

Masa Vázquez, Fortes López *et al.* (1995): *linear* / s.v. *motor*: *motor lineal*. [castelhanismo na EGU]

Garrido (1997): *pé ambulacrário* / s.v. *equinodermo -ma*: *pé ambulacral* [castelhanismo na EGU]

4.2.2.4. TERMO MAL ESCRITO/FORMADO/USADO

s.v. *aceiro*: **xeralizouse* [por: *generalizou-se*]

s.v. *aceite*: **aldehido* [por: *aldeído*, RAG-ILG: *aldehído*]

s.v. *bario* (Quím.): «na manufatura do peróxido de hidróxeno» [por: fabricación/elaboración]

s.v. *branquia*: SIN: *gala*, *galada*, *guerla* [= *guelra*, sem mais indicações]; s.v. *cágado* [= girino]: *branquias externas* [nom aparece nunca *guelra*]

s.v. *cefalópodo -da*: **membrana interbranquial* por *membrana interbraquial*; **depredador* por *predador* [- *presa*]

s.v. *célula*: **mitocondria* por *mitocôndrio*; **tubo laticífero* por *tubo laticífero*

s.v. *colívido*: «Familia de coleópteros depredadores de escaravellos, de ata 3 mm de lonxitude, co corpo alongado e de cores apagadas. Viven baixo a cortiza de árbores podres, no chan ou entre mofos.» [por: *predadores*, *casca*, *solo*, *musgos*]

s.v. *darwinismo*: **xenetista* por *genético -a*; **os humanos* por *os seres humanos*; **gandeiría* por *pecuária* (**gadaría*); «[...] coexisten dúas estratexias paralelas de falsificación do pensamento de Darwin dende posturas abertamente evolucionistas.» [por: refutación]

s.v. *mecánica*: «Broglie propón [...]. Borh interpreta as relacións de indeterminación [...]» [por: De Broglie... Bohr...]

s.v. *medicina*: **Jonh Hunter*, **Lansteiner* por *John Hunter*, *Landsteiner*

s.v. *microscopio*: «A distancia óptica entre o obxectivo e o ocular é constante e denomínase lonxitude do tubo.» [por: *comprimento/longura*]

s.v. *microscopio*: **cubeobxectos* por *cobre-objecto* ou *lamela* (RAG-ILG: *cobreobxecto*)

4.2.2.5. VIOLAÇÃO DAS REGRAS DE NOMENCLATURA /NOTAÇÃO

s.v. *Alligator*: «Alligator ANIMAL Xénero de réptiles ó que pertencen algúns caimáns.» [por: *Alligator*, em itálico]

s.v. *Allium*: «Allium PLANTA Xénero de plantas herbáceas vivaces da familia das liliáceas [...]» [por: *Allium*, em itálico]

s.v. *aluminato*: 3CaO · Al₂O₃ por 3CaO · Al₂O₃ [ortoaluminato de cálcio]

s.v. *cobra* (Zool.): «Serpe da familia dos colúbridos [...]» [por: Serpente da familia dos Colubrídeos, com cê maiúsculo inicial]

5. Nível paralingüístico

5.1. ORTOTIPOGRAFIA

s.v. *aceira*: 1 400 °C [na gravura] / 1.130°C [no corpo do artigo] [incoerência tipográfica na representaçom dos números (ponto/espaco para indicar a posiçom dos milhares) e na dos graus Celsius (presença ou ausência de espaco entre o número e o símbolo de grau)]

s.v. *aluminio*: 8,13% / 4,5 % [incoerência tipográfica na presença ou ausência de espaco entre o número e o símbolo de percentagem]

5.2. ERRO DACTILOGRÁFICO / TIPOGRÁFICO

s.v. *aceite*: *hidrólese por hidrólise

s.v. *aluminio*: *hidrólese por hidrólise

s.v. *aluminio*: «[...] e, de se quere maior pureza, [...]» por «[...] e, de se querer maior pureza [...]»

6. Nível extralingüístico

6. ICONOGRAFIA

s.v. *aluminio* e s.v. *bario*: incoerência consistente na ausência de um quadro de propriedades (físicas) destes elementos, sim presente, p. ex., s.v. *chumbo*

s.v. *aluminio*: léxico incorrecto (castelhanizante) na rotulaçom da gravura de produçom

s.v. *aceira*: rotulaçom deficiente no gráfico de produçom (falta indicaçom de anos)

s.v. *cefalópodo -da*: gravura demasiado pequena

s.v. *célula*: esquemas demasiado simples e pobres

s.v. *chumbo*: sem qualquer gravura (excepto quadro de propriedades)

s.v. *darwinismo*: quadro didáctico com rotulaçom deficiente (gralhas)

s.v. *equinodermo -ma*: iconografia pobre

4.4. Análise dos aspectos culturais

O nosso levantamento de incidências de avaliação acusa vários casos de inadequação cultural que aqui cumpre comentar e enquadrar no contexto amplo da EGU. Em estreita relação com a falta de colaboradores e assessores que aflige a elaboração da obra em muitas disciplinas técnico-científicas (v. *supra*), demasiados artigos técnico-científicos da EGU (vertidos do catalán) carecem, infelizmente, da preceptiva *naturalizaçom*, quer dizer, de adaptação às particularidades da correspondente comunidade sociocultural destinatária, deficiência que, por sinal, nom afecta a *Enciclopèdia Catalana*. Assim, dentre os 18 artigos extensos que fôrom incluídos na nossa amostra, apenas 4 (*aceite*, *cobra*, *darwinismo* e *medicina*) estão adaptados às particularidades galegas²³, enquanto que os outros 14 carecem de tal naturalização, incluindo-se neste grupo 5 artigos que, de modo evidente, sim a mereceriam (*aceiro*, *aluminio*, *cefalópodo -da*, *efêmera* e *equinodermo -ma*)²⁴. A este respeito, vejamos, por exemplo, o contraste que, quanto à sua pertinência para a comunidade sociocultural receptora, se regista entre a redacção do artigo *alumni* (= alumínio) da *Enciclopèdia Catalana* e a do seu artigo derivado, *aluminio*, da EGU²⁵:

Aquest tancament de mercats pot anar afermant les direccions comercials bauxita, alumina, alumini que van des del Carib i l'Amèrica del Sud vers els EUA i el Canadà, d'Àfrica a Europa i de l'Extrem Orient al Japó. Als Països Catalans, l'extracció de bauxita a la regió de Lleida creix amb intermitències: 5.432 t el 1971, un màxim d'11.602 t el 1976, i 4.256 t el 1981. Aquesta bauxita és fosa fora dels Països Catalans. Però si que hi ha una indústria transformadora de l'alumini (obtingut a partir de bauxites estrangeres), centrada a la ciutat d'Alacant, amb una colla de petites empreses subsidiàries, originàriament de dues de grans. Cal afegir-hi les prospeccions que s'han fet a l'Anoia i sobretot a Osona i l'extracció d'argila refractària al Matarranya (1.900 t el 1976, 1.150 t el 1979), bé que no hagi estat emprada en l'obtenció d'alumini. En construcció,

²³ Os artigos *cobra* e *darwinismo* som originais, i. é., redigidos especificamente para a EGU; os artigos *aceite* e *medicina* fôrom traduzidos do catalán.

²⁴ Os artigos *aceiro*, *aluminio*, *bario*, *bomba*, *cefalópodo -da*, *célula*, *chumbo*, *física*, *fisioloxía*, *mecánica*, *microscopio* e *motor* fôrom traduzidos do catalán; os artigos *efêmera* e *equinodermo -ma*, também nom adaptados às particularidades da Galiza, fôrom redigidos especificamente para a EGU!

²⁵ Tenha-se aqui em conta que na Galiza está sediada umha das plantas de produçom de alumina mais importantes do Estado Espanhol.

l'alumini és emprat actualment en gran escala per a la fabricació seriada de fusteria metàl·lica i d'elements estructurals. L'ús de l'alumini en aquest terreny s'ha desenvolupat gràcies a l'invent del procés d'anodització que allarga durant bastant de temps el bon aspecte de l'alumini polit. (*Enciclopèdia Catalana*, s.v. *alumini*)

Este troco de mercados pode levar ó afianzamento das direcções comerciais que van dende o Caribe e América do Sur ata os EEUU e Canadá, de África a Europa e do Extremo Oriente ó Xapón. Na construción, o aluminio emprégase actualmente para a fabricación de carpintería metálica e de elementos estruturais, gracias ó proceso de anodización que alonga durante bastante tempo o bo aspecto do aluminio pulimentado. (EGU, s.v. *alumínio*)

Em relação à naturalização efectuada no quadro da tradução dos artigos da EGU, também deve considerar-se a habilidade (*suavidade*) com que os novos conteúdos informativos som inseridos no texto. Idealmente, nom deveriam poder detectar-se os correspondentes *pontos de sutura* na redacção, a qual nom deveria mostrar bruscas soluções de continuidade. À vista da desajeitada inclusom de informação específica da Galiza (e da Espanha) que se observa s.v. *aceite*, pode concluir-se que tal *suavidade* nem sempre foi conseguida:

En España o cultivo da oliva esténdese por todo o territorio, agás [= excepto] Galicia, o litoral cantábrico, Castela e León, e Islas [= Ilhas] Canarias. En Galicia emprégase só a oliva, froito da oliveira. Pero cómpre dicir que si se deu o cultivo e produción de aceite, aínda que non se pode determinar conexactitude cando comezou a fabricación deste. (EGU, s.v. *aceite*)

Outro tipo de inadequações culturais infelizmente presentes na EGU som as que decorrem do fenómeno que, com Carvalho Calero, podemos caracterizar como “grosseira extrapolação da esfera política para a esfera lingüística e cultural”, e do qual os redactores da EGU nom sabem, ou nom querem, safar-se. Trata-se da freqüente e abusiva interposição da língua e da cultura castelhanas (e da sua máxima cristalização política no contorno galego, o Estado Espanhol) entre a língua e cultura galegas e o resto do mundo, em escandaloso e antinatural detrimento das modulações cultural e socialmente normalizadas do próprio galego, de expressom luso-brasileira, as quais, para a EGU e, de resto, para grande parte da sociedade galega actual, aínda aparecem conotadas como

alheias, dada a enorme eficácia do *filtro* estatalizador e castelhanizante que opera na Galiza.

Manifestação evidente na EGU desta *desorbitação cultural* constitui-na, por um lado, o emprego ocasional da versom castelhana de nomes próprios estrangeiros, em prejuízo da correspondente forma consagrada em galego-português, e, por outro, o freqüentíssimo recurso a livros traduzidos em castelhano, e nom em luso-brasileiro, quando se pretende incluir como ilustração a capa de umha obra científica importante que ainda nom foi traduzida, caso extremamente habitual, para galego-português da Galiza. Assim acontece, na nossa amostra textual, com o flamengo André Vesalio, que aparece mencionado, s.v. *medicina*, como Andrés Vesalio; com a obra de Darwin *The Descent of Man*, a qual, s.v. *darwinismo*, aparece ilustrada com a capa da versom castelhana *El origen del hombre* (muito embora exista a correspondente edição luso-brasileira [*A Origem do Homem*] e na EGU a legenda da gravura reze «*A orixe do home*, de Charles Robert Darwin»); com *Ever Since Darwin. Reflections in Natural History*, colectânea de ensaios do biólogo estado-unidense Stephen Jay Gould, a qual, s.v. *darwinismo*, aparece ilustrada mediante a capa da sua tradução castelhana, *Desde Darwin. Reflexiones sobre historia natural*, em detrimento da correspondente edição luso-brasileira (*O Mundo Depois de Darwin. Reflexões sobre História Natural*) e em contradição com o pé da gravura, que reza «Portada do libro *Dende Darwin, reflexións sobre historia natural*, de St[e]phen Jay Gould»; e com *Physics*, obra de Douglas C. Giancoli, a qual, s.v. *física*, também aparece ilustrada com a correspondente edição castelhana (se bem que, desta vez, a legenda da gravura nom minta: «Portada da traducción ó castelán do libro *Physics*, de Douglas C. Giancoli»). Estas desnecessárias homenagens à língua e cultura castelhanas, que envolvem desprezo e ocultamento da extensom luso-brasileira do galego, nom fam senom patentear a inferioridade da língua e da cultura galegas a respeito das castelhanas e, assim, venhem a contrariar flagrantemente um dos objectivos declarados da EGU: demonstrar que através do galego se pode aceder à cultura universal.

Para findarmos esta secção de análise crítica dos aspectos culturais, e para que se veja até que ponto as apreciações anteriores nom som exageradas, a seguir referimos três casos em que a EGU leva a um extremo aberrante a identificação lingüístico-cultural com o castelhano e, concomitantemente, o alheamento a respeito do (galego-)luso-brasileiro: (1) s.v. *Amado, Jorge*, e como ilustração da obra *Tieta do Agreste* deste grande escritor baiano, figura a capa de *Tieta de Agreste*, tradução castelhana publicada pola editora barcelonesa Plaza y Janés; (2) na EGU nom se inclui

qualquer personagem de prenome *Henrique*, pois todos os personagens que assim deveriam aparecer registados, nesta obra aparecem como *Enrique*, a tal castelhanização nem sequer se poupando *Enrique de Portugal o Navegante!*; (3) s.v. *moucho*, a “grosseira extrapolação da esfera política” chega a atingir a esfera biológica, de modo que a EGU também aqui indica sem reboço o prisma *apropriado (constitucional?)* para os seus leitores observarem os fenómenos naturais, o qual outro nom é, claro, que o castelhano-espanhol:

En España [o moucho] distribúese como [espécie] reprodutora na práctica totalidade do territorio peninsular pero evitando os grandes sistemas montañosos [...]. Toda a península está ocupada pola subespecie *Athene noctua vidalii*. Cría en Baleares, en Ceuta e en Melilla (nas dúas últimas a subespecie *glauca* de distribución norteafricana) pero non en Canarias. En Galicia aparece por todo o territorio, aínda que sufriu unha forte regresión nos últimos 25 anos.» (EGU, s.v. *moucho*)

4.5. Análise dos aspectos morfossintáticos

Umha rápida olhadela ao noso levantamento sinóptico de incidências de avaliação permite apreciar com clareza que a morfossintaxe, tanto a geral como a especializada, cultivada nos artigos de tema técnico-científico da EGU é extremamente pobre. Para começar, no domínio da morfossintaxe geral som relativamente abundantes os trechos de pontuação defeituosa, as construções disfuncionais⁽²⁶⁾ e os casos de incorrecção na colocação dos pronomes átonos (sobretudo, no contexto da subordinação, do emprego de infinitivo com preposição e da focaliza-

ção por inversão), na construção dos nexos relativos (o pronome relativo *que* é sistematicamente antecedido, como em castelhano, de pronome masculino ou feminino), na utilização dos objectos directos (os quais, com frequência, som antecidos, como em castelhano, pola preposição *a*) e na morfologia e reflexividade verbais; polo contrário, nos textos analisados da EGU som demasiado raras, ou inexistentes, as interpolações, os infinitivos flexionados e os futuros do conjuntivo (estruturas desconhecidas no castelhano técnico-científico).

Polo que diz respeito à morfossintaxe especializada, na nossa amostra textual fôrom descobertos vários trechos que, de algum modo, violam os preceptos da sintaxe coerente própria da redacção especializada (precisão, clareza e economia expressivas) e, em maior número, construções que quebram o registo formal da língua técnico-científica (fórmulas coloquiais, expressões vulgares, dativo pleonástico; v. tb. *infra* registo lexical). Além disso, som mui raros ou inexistentes os casos de utilização daquelas construções características do galego-português técnico-científico que contrastam (na sua constituição ou frequência) com o castelhano, como o *dativo de posse* (1 único caso na nossa amostra de 37.961 palavras-unidade), a *focalização por clivagem* (2 casos), o *futuro do indicativo hipotético ou preditivo* (nenhum caso), o *presente do conjuntivo de estimativa, de exemplificação ou nexual* (nenhum caso), o *futuro do conjuntivo* (nenhum caso!; v. *infra*), o *infinitivo flexionado* (apenas 3 casos!; v. *infra*), o *infinitivo gerundial atributivo* (nenhum caso), o *gerúndio atributivo* (nenhum caso), a *perfectividade verbal* (nenhum caso!), a *perífrase terminativa* (nenhum caso), a *passiva própria* (mui baixa frequência) e as *construções elípticas do verbo* (nenhum caso). A este respeito, deve lamentar-se especialmente o escassíssimo rendimento do *infinitivo flexionado* e a completa ausência do *futuro do conjuntivo* na redacção da EGU, duas estruturas que os gramáticos galegos hoje recomendam potenciar na língua culta (cf. Freixeiro Mato, 2004).

O infinitivo flexionado é umha forma verbal de grande expressividade que, presente ainda na actual fala espontânea galega, no galego-português científico-técnico experimenta forte intensificação e reestruturação (Garrido, em preparação). Para além de constatar-mos o mui

²⁶ A este propósito, nom nos resistimos a transcrever aqui diversos trechos tirados da secção *Características xerais* da EGU em que é bem perceptível o desleixo e a falta de rigor que caracterizam a sua redacção (sublinhados nossos): «A Enciclopedia Galega Universal é unha obra de carácter analítico ordenada alfabeticamente e dividida en artigos ou entradas que utilizan formalmente a letra negra grossa» (p. 13); «O símbolo < precede sempre á voz da que procede sexa esta unha palabra doutra lingua ou un termo en romance.» (p. 13); «As entradas tradúcense a tres linguas: portugués (*port*), castelán (*cast*) e inglés (*ingl*), respectivamente, e preséntanse entre corchetes, tralo étimo. De cada entrada tradúcense as de uso máis frecuente [?] e ordénanse polo número de acepción» (p. 13); «Para a toponimia de Taiwán consérvanse os sistemas de transcripción de Hepburn e de McCune-Reischauer respectivamente, ambos consagrados internacionalmente.» (p. 17); «a) *Neoloxismos científicos e técnicos* que non tiñan cabida nos dicionarios publicados en lingua galega ou ben respondía a conceptos descoñecidos ata agora.» (p. 17); «b) Aquelas palabras do léxico común que a miúdo por razóns de espaciao, non aparecen recollidas nas obras lexicográficas pero que a correcta flexión gramatical [sic] leia-se: derivación morfológica e o uso fixaron na tradición. Ex: histicista, xacemento, desertización...» (p. 17); «Polo que respecta ó exterior da nosa comunidade, rexen os criterios que relatamos a seguir: teñen entrada as localidades de máis de 1.500 habitantes do resto dos Estados Ibéricos (España e Portugal, cos seus arquipélagos respectivos e outras posesións) [...]» (p. 18);

«Respecto á fauna invertebrada [...]. Na fauna vertebrada [...]» (p. 18); «A EGU segue o sistema de clasificación dos seres vivos aceptado pola comunidade científica baseado en dous criterios [...]» (p. 18); «No tratamento dos órganos, aparatos, sistemas, etc, do corpo humano, non se recollen xeralmente as enfermidades que son susceptibles [sic] de contraer, xa que [...]» (p. 19); «Os sales metálicos, nos cales, en xeral, o metal conta máis co anión, teñen sempre entrada polo nome do metal [...]» (p. 19); «Séguese as normas internacionais sobre a nomenclatura química (IUPAC), previa á súa adaptación ó galego, tal como se fai en todas as linguas.» (p. 19).

escasso aproveitamento do infinitivo flexionado nos artigos da nossa amostra textual, ainda devemos notar que, entre esses poucos casos de uso efectivo, nom se encontra nenhuma das duas realizações da estrutura mais características da língua técnico-científica, a saber, o infinitivo flexionado que segue (imediatamente) a um verbo nuclear, tipicamente de carácter “intelectual”, e o infinitivo flexionado dotado de sujeito expresso e incluso numha cláusula introduzida pola preposição *de* que determina substantivos “heurísticos” (como *facto*)²⁷.

Por seu turno, também o futuro do conjuntivo —estrutura hoje carente de vitalidade (pola pressom do castelhanu) na fala espontânea galega, mas cuja reintrodução no galego formal se reveste de indubitável interesse (cf. Freixeiro Mato, 2000: 364-368; 2004; tb. a mais recente versão do repositório normativo da RAG-ILG: AA.VV., 2003: 111)— é objecto de intensificação na língua científico-técnica, sobretudo no seio de cláusulas condicionais e circunstanciais proporcionais, e a sua completa desconsideração por parte dos redactores da EGU nom pode senom redundar em detrimento da autenticidade e da eficácia expressivas.

Enfim, como conclusom desta alínea, pode dizer-se que a qualidade da morfossintaxe empregada na redacção dos artigos técnico-científicos da EGU é notavelmente baixa, devido sobretudo a que, repudiando o modelo congenial e enriquecedor oferecido polo luso-brasileiro, aquela se inspira unicamente no modelo alheio do castelhanu, que aqui se revela pouco útil e empobrecedor.

4.6. Análise dos aspectos lexicais

O nosso levantamento de incidências de avaliação regista um número extremamente alto de deficiências no domínio do léxico, tanto geral como especializado. Polo que ao léxico geral diz respeito, na nossa amostra textual surgem demasiados casos de incorrecção na escrita, na formação e no uso de vocábulos, e com demasiada frequência os redactores enveredam pola via do hiperdiferencialismo lexical mediante o recurso a artificiosas redefinições, dialectalismos ou arcaísmos, o que contribui para violentar o registo científico. Além disso, os redactores

²⁷ Como referência para se poder aferir o rendimento ou frequência de uso do infinitivo flexionado em artigos de enciclopédia de tema técnico-científico, tenha-se em conta que, enquanto o nosso *corpus* de artigos da EGU, que compreende 37.961 palavras-unidade, apenas contém 3 ocorrências dessa forma verbal, o artigo *aluminio* da ELBCV, em 359 linhas e 2.513 palavras-unidade, contém 8 ocorrências (das quais, 3 correspondentes a um infinitivo flexionado que determina um substantivo “heurístico”); por seu turno, o artigo *aluminio* da EGU nom apresenta, em c. 316 linhas e 2.212 palavras-unidade, qualquer infinitivo flexionado.

nom oferecem soluções satisfatórias perante a actuação dos processos degradativos da substituição e da variação sem padronização.

Com efeito, os artigos objecto da nossa amostragem abundam em castelhanismos decorrentes do processo de substituição lexical —alguns realmente crassos, como, s.v. *aluminio*, **colación* (por *coadura/escoamento*) e **sempra de cristais* (por *semeadura de cristais*) ou, s.v. *efémera*, **ala* (por *asa*) e **cepillo* (por *escova*)—, nem todos eles atribuíveis ao critério pusilânime e servil do DRAG e do VOLGA, e os quais menoscabam grandemente a autenticidade da língua empregada na redacção da enciclopédia.

Face à variação sem padronização, os redactores da EGU ou nom oferecem solução padronizadora (ex.: *fiestra* e *ventá* s.v. *oido*; rendimento mais ou menos equilibrado de *acostumar*, *adoitar* e *soer*) ou, sobretudo em relação a palavras lexicais incorporáveis às terminologias, priorizam em cada caso um geossinónimo diferente daquele que foi consagrado como supradialectal no âmbito luso-brasileiro (sendo que este também está presente nos falares galegos; p. ex.: priorização de *peteiro* ‘proeminência córnea da boca das aves’ em detrimento de *bico*; *eixe* em detrimento de *eixo*), sem oferecerem qualquer argumento que justifique tal escolha. A este respeito, a explicação fornecida na secção introdutória da enciclopédia nom se revela em absoluto esclarecedora:

Nas entradas de léxico común que presentan varias formas normativas para designar o mesmo concepto só se desenvolve unha delas e as demais remiten a esta mediante unha frecha de envío. Ex: **abruón** *s m => afungadoiro*. (EGU: 17)

Algúns dos nomes comúns de seres vivos, que forman parte deste corpus, presentan gran variedade de formas galegas vivas na fala, o que facía inviable un tratamento particularizado de cada unha delas, polo que a EGU resolveu escolher unha forma central que contivese a descrición e a correspondencia científica. A organización destes termos, relativos a animais e plantas, etc, resultou dunha selección entre nomes presentes na realidade galega [sic] ou como consecuencia dunha adaptación ou derivación de formas latinas ou doutras linguas. Esta escolla, baseada en bibliografía especializada e en traballos aínda inéditos, fíxose co asesoramento de recoñecidos especialistas e cunha intención regularizadora, e sempre co obxectivo de conservar a totalidade dos outros termos que, en calidade de sinónimos ou variantes, tamén ocupan un espazo na EGU. Estas formas levan unha marca de envío => ou V (para non normativas), que serve para remitir ó [sic] lector á entrada principal que contén a definición do concepto. (EGU: 18, ênfase nossa)

Afinal, como vemos, a selecção das *formas centrais*, efectuada com o assessoramento de «reconhecidos especialistas» e apoiada em «bibliografia especializada e em trabalhos ainda inéditos»⁽²⁸⁾, fica sem justificação e, pior ainda, ela revela-se, por insolidária com o luso-brasileiro, profundamente antieconómica.

Já no domínio do léxico especializado, as deficiências registadas podem classificar-se em erros de habilitação e em erros de uso. Os primeiros consistem na instauração —na própria EGU ou em repertórios lexicográficos galegos (de recente publicação) a que os redactores da EGU recorrem— de unidades terminológicas contrastantes com as correspondentes luso-brasileiras para se fazer frente à estagnação (e suplência) lexicais. Estas insolidariedades terminológicas podem ser devidas a castelhanismo (ex.: *cloruro*, em vez de *cloreto*) ou, mais raramente, a onomaturgia (ex.: *animal preiro*, em vez de *animal necrófago*; cast. *animal carroñero*) ou semanturgia (ex.: *quenlha*, no sentido de ‘tubarom’; cast. *tiburón*).

Os redactores da EGU deixam constância, na secção introdutória da obra, de se terem apercebido da *estagnação lexical* que padece o galego e da necessidade de a EGU incorporar um grande número de “palavras novas”, mas, curiosamente, tal circunstância não os leva a reflectirem acerca das estratégias de habilitação lexical a aplicar. Assim:

A presente edición da Enciclopedia Galega Universal incorpora un gran número de palabras novas. Estas son, fundamentalmente, de tres clases: a) *Neoloxismos científicos e técnicos* que non tiñan cabida nos dicionarios publicados en lingua galega ou ben respondía [sic] a conceptos descoñecidos ata agora. b) Aquelas palabras do léxico común que a miúdo por razóns de espacio, non aparecen recollidas nas obras lexicográficas pero que a correcta flexión gramatical [sic] leía-se: derivação morfológica] e o uso fixaron na tradición. Ex: **historicista**, **xacemento**, **desertización**... c) Variantes fonéticas e dialectais de uso moi estendido en Galicia. Ex: **abrigadeiro s m V** abrigadoiro. (EGU: 17)

Séguense as normas internacionais sobre a nomenclatura química (IUPAC), previa á súa adaptación ó galego, tal como se fai en todas as linguas. (EGU: 19; ênfase nossa)

²⁸ Os indícios apontam para a base desta selecção ter sido o conjunto de insuficientes, arbitrárias e nunca justificadas escolhas praticadas no *Diccionario da Real Academia Galega* (= DRAG) e no *Vocabulario Ortográfico da Lingua Galega* do ILG-RAG (VOLGA, edição mais recente: 2004).

Observe-se que em nenhum momento é aqui declarado *explicitamente* o método, procedimento ou critério seguido na EGU para habilitar os necessários neologismos (científicos e técnicos) —incluindo a “adaptação ao galego das normas internacionais da nomenclatura química”—, se bem que a apelação para o “uso” e a “tradição” (na Galiza hodierna, necessariamente castelhanizantes) que se fai na alínea b) do primeiro trecho transcrito⁽²⁹⁾ e os próprios exemplos aí aduzidos, os quais plenamente decalcam as correspondentes soluções castelhanas (num caso, mesmo em contra do critério da RAG!⁽³⁰⁾), não apontem senão para a resignada *aceitação da suplência lexical* do castelhano, suspeita esta que se verá infelizmente confirmada no corpo da obra.

Com efeito, os artigos técnico-científicos da EGU transbordam de soluções terminológicas formalmente decalcadas do castelhano (e contrastantes com o luso-brasileiro), as quais servilmente venhem a consagrar na redacção especializada a extensa suplência lexical exercida por essa língua nos falares espontâneos galegos. Este impudico e antieconómico decalque da terminologia castelhana produz-se abundantemente mesmo quando (v. *supra* levantamento de incidências) as soluções castelhanas são impossíveis em galego (por causas morfológicas ou semânticas), quando as soluções castelhanas são contrárias à etimologia (e etimológicas as luso-brasileiras) e quando as soluções castelhanas são peculiares ou idiossincráticas desta língua (e mui “suspeitosa” a sua presença em qualquer outra língua). A este respeito, parece que para os redactores e revisores da EGU se reveláram bem mais “motivadoras” a torpe ignorância, a fácil preguiça intelectual ou as eventuais reservas ideológicas do que o tímido —e cada vez mais hipócrita e ludibriado— ponto quarto da “Introdución” às *Normas Ortográficas e Morfológicas do Idioma Galego*, da Real Academia Galega e do Instituto da Lingua Galega⁽³¹⁾. Assim, bem pode qualificar-se de raro acontecimento depararmos na obra com unidades terminológicas contrastantes com o

²⁹ Esta alínea é atribuída pelos redactores da EGU a “palavras do léxico comum”, mas, na realidade, como ilustram os próprios exemplos aí aduzidos, ela refere-se, como a anterior alínea, a vozes cultas ou especializadas, próprias de domínios lexicais que sofrem no actual galego estagnação e suplência.

³⁰ Com efeito, *xacemento*, que decalca o cast. *yacimiento* e contrasta com o luso-br. *jazigo* ou *jazida*, é forma censurada explicitamente pelo DRAG (edição de 1997), que propom no seu lugar a voz *depósito* (surgida por semanturgia). Por seu turno, o VOLGA (versão de 2004), contrariando o critério do DRAG (!), dá por boa a solução *xacemento* e, em contra do afirmado pelos redactores da EGU no passo antes transcrito, inclui as vozes *desertización* e *historicista* (comuns a castelhano e luso-brasileiro).

³¹ «As escollas normativas deben ser harmónicas coas das outras linguas, especialmente coas romances en xeral e coa portuguesa en particular, evitando que o galego adopte solucións insolidarias e unilaterais naqueles aspectos comúns a todas elas. Para o arriquecemento do léxico culto, nomeadamente no referido aos ámbitos científico e técnico, o portugués será considerado recurso fundamental, sempre que esta adopción non for contraria ás características estruturais do galego.»

castelhano e convergentes com o luso-brasileiro, tanto mais quanto que, à enxurrada de insolidários castelhanismos, na EGU ainda se somam, ocasionalmente, pinturescos casos de onomaturgia e semanturgia (v. *supra*).

Nos artigos técnico-científicos da EGU estão representadas todas as classes de erros de uso da terminologia, com especial e triste destaque para os erros de registo lexical (emprego de palavras coloquiais e até vulgares, impróprias da prosa especializada), os quais, unidos aos de registo morfossintáctico, contribuem para prejudicar grandemente a autenticidade e legibilidade dos textos. Também nem som raros na EGU os termos mal escritos ou mal usados, a violação de regras de nomenclatura ou notação e as incoerências terminológicas internas (mesmo no seio de um mesmo artigo!), o que denota insegurança no manejo da terminologia e falta de revisão do texto. Quanto às incoerências terminológicas externas, no nosso levantamento de incidências (v. *supra*) limitamo-nos a aduzir três casos respeitantes a duas obras terminográficas galegas (de publicação anterior à redacção dos correspondentes artigos da EGU), mas o número de casos em questom deve ser muito maior, a patentear a existência de um problema de comunicação e falta de solidariedade entre os agentes codificadores do galego verdadeiramente preocupante (cf. Garrido, 2004: 119).

4.7. Análise dos aspectos extralingüísticos

Embora nem sempre isentos de elementos verbais (rótulos, legendas), nesta epígrafe de aspectos extralingüísticos induímos um comentário sobre os recursos iconográficos dos textos, i. é, gravuras, fotografias, desenhos, esquemas, gráficos, quadros, etc. A este respeito, diga-se que, no nosso entender, o componente iconográfico dos artigos técnico-científicos da EGU tem umha qualidade razoável e, em todo o caso, ele nem se encontra entre os aspectos mais deficientes e censuráveis da enciclopédia.

No entanto, como aspectos negativos neste capítulo, podem resenhar-se os seguintes. Um certo número de artigos do campo técnico-científico enfermam de falta (ou insuficiência) de gravuras, quando, pola sua importância ou abrangência, sim as mereceriam (p. ex., na nossa amostra, os artigos *bario*, *chumbo* e *equinodermo -ma*)³²; algumas ilus-

trações som demasiado simples ou esquemáticas, pobres de informação (ex.: esquemas s.v. *célula*); com demasiada frequência, a rotulação das gravuras é deficiente, devido à presença de lacunas informativas, incorrecções lexicais, incoerências terminológicas em relação ao corpo do artigo ou gralhas (assim, p. ex., s.v. *aceiro*, *aluminio* e *darwinismo*).

4.8. Avaliação global e sumária da qualidade da língua especializada técnico-científica da Enciclopedia Galega Universal

A publicação da *Enciclopedia Galega Universal* representa, sem dúvida, um marco fundamental para o contexto editorial e bibliográfico galego e, também, para o alargamento funcional do galego-português da Galiza. No entanto, à vista da análise crítica acima efectuada, muito receamos que, para o desenvolvimento e consolidação da redacção especializada (técnico-científica) em língua galega, tal empreendimento venha a revelar-se inútil, senom inteiramente prejudicial.

Se hoje, dadas as condições socioculturais e sociopolíticas da actual Galiza, pode dar-se por suposto que os cientistas e técnicos galegos som capazes de redigir, com bastante autenticidade e eficácia, textos especializados em língua castelhana, o mesmo já nem se pode dizer, em geral, em relação ao galego. Infelizmente, como demonstra a nossa análise da língua especializada técnico-científica, a tal desvantagem expressiva nem pudo subtrair-se a EGU, cujos artigos de tema técnico-científico, arredando-se do congenial e enriquecedor modelo oferecido polo luso-brasileiro, deixam transparecer em excesso o empobrecido e alheio molde castelhano (com incrustações catalás?) em que fôrom vazados. Esta *subsidiariedade* a respeito do modelo castelhano, e este *défice de galegidade*, evidencia-os a língua técnico-científica da EGU no *nível cultural*, onde som demasiado escassas as adaptações dos assuntos tratados à realidade galega, e demasiado frequentes as referências a produtos culturais castelhanos, em detrimento dos galego-portugueses; no *nível morfossintáctico*, em que se regista ausência ou considerável atrofia daqueles traços morfossintácticos característicos do galego-português técnico-científico que se revelam contrastantes com o castelhano (o infinitivo flexionado é aqui um caso emblemático); enfim, também no *nível lexical*, onde a terminologia e a fraseologia empregadas se confundem com as castelhanas, com quase completo esquecimento do subsídio luso-brasileiro.

³² Esta deficiência pode pôr-se em relação com duas peculiaridades indesejáveis da iconografia da EGU: em primeiro lugar, muitas fotografias ocupam um espaço desnecessariamente grande, em detrimento de outros elementos iconográficos (ex.: fotografias de animais s.v. *equinodermo -ma*); em segundo lugar, muitas fotografias podem qualificar-se de supérfluas, banais ou triviais, porque outra cousa nem fam que ilustrar conceitos comuns reflectidos na língua geral (ex.: s.v. *alumeaar*, fotografia com a legenda «As luces

alumeaar na noite» que mostra um candeeiro público; s.v. *alumnado*, fotografia com a legenda «*alumnado*» que mostra umha sala de aula com estudantes; s.v. *pendurar*, fotografia com a legenda «Corpo *pendurado*» que mostra um balde pendurado de um guindaste).

Para além desta *inautenticidade* ou *probreza estilística*, à língua técnico-científica cultivada na EGU cabe ainda imputar umha considerável *ineficácia expressiva*, manifesta em freqüentes quebras de registo e violações dos princípios da redacção especializada, que decorrem da ausência de um verdadeiro modelo de língua culta e que cumpre filiar, também, no repúdio do congenial modelo luso-brasileiro.

Em conclusom, seja por causa da imperícia de uns primitivos redactores/adaptadores (*colaboradores*) que outro modelo de língua especializada nom conhecem que o castelhano, seja por culpa de uns revisores/correctores/tradutores (*assessores, membros do Conselho de Redacção*) que ignoram ou nom contemplam as *modulações* genuína e cabalmente cultas do galego (variantes lusitana e brasileira!), nem dominam a redacção científico-técnica em galego-português, é um facto, como mostra o presente estudo, que a língua especializada cultivada nos artigos de tema técnico-científico da *Enciclopedia Galega Universal* enferma de pobreza estilística e de ineficácia comunicativa. Por tal motivo, ela nom poderá assumir-se como modelo (de correcção) para a ulterior composição de textos especializados em galego e terá de ser conceituada, empregando a classificação do Sical, como “língua especializada que precisa de revisom”, de umha profunda revisom.

Bibliografia

- AA.VV. 182003. *Normas Ortográficas e Morfolóxicas do Idioma Galego*. Corunha: Real Academia Galega/Instituto da Lingua Galega.
- CARVALHO CALERO, Ricardo. 1983. O idioma galego e os problemas da linguagem técnica. In R. Carvalho Calero. *Da Fala e da Escrita*: 36-43. Ourense: Galiza Editora.
- FERNBACH, N. 1990. *La lisibilité dans la rédaction juridique au Québec*. Ottawa: Centre Canadien d'Information Juridique.
- FLUCK, Hans-Rüdiger. 51996. *Fachsprachen. Einführung und Bibliographie*. Tubinga/Basileia: A. Francke Verlag.

FREIXEIRO MATO, Xosé Ramón. 2000. *Gramática da Língua Galega. Volume II: Morfosintaxe*. Vigo: Edicións A Nosa Terra.

FREIXEIRO MATO, Xosé Ramón. 2004. Denominacións de orixe en perigo. *A Nosa Terra*, n.º 1.111 (9-14 Janeiro): 15.

GALANES SANTOS, Iolanda. 2002. *A Lingua Galega do Dereito. Unha Achega á súa Definición e Calidade a partir da Traducción Xurídica en Galicia*. Santiago de Compostela: Escola Galega de Administración Pública (Junta da Galiza).

GARRIDO, Carlos. 1997. *Dicionário Terminológico Quadrilíngue de Zoologia dos Invertebrados. Alemán, Inglês, Espanhol, Galego-Português*. Santiago de Compostela: Associação Galega da Língua.

GARRIDO, Carlos 1999. Estado actual e perspectivas da norma lexical. *Agália*, 57: 3-25 .

GARRIDO, Carlos. 2001. *Aspectos Teóricos e Práticos da Tradução Científico-Técnica (Inglês > Galego)*. Santiago de Compostela: Associação Galega da Língua.

GARRIDO, Carlos. 2002. L'eficàcia de la traducció de textos científicotècnics en la promoció d'una llengua socialment minoritzada (a propòsit del gallegoportuguès a Galícia). In O. Diaz Fouces, M. García González e J. Costa Carreras (org.). *Traducció i dinàmica sociolingüística*: 151-173. Barcelona: Llibres de l'Índex.

GARRIDO, Carlos. 2004. Análise e ensaio da crítica da tradução (para galego) de livros técnico-científicos. In C. Garrido (org.). *Ferramentas para a Tradução*: 41-125. Santiago de Compostela: Associação Galega da Língua.

GARRIDO, Carlos e Carles RIERA. 2000. *Manual de Galego Científico. Orientaçons Lingüísticas*. Santiago de Compostela: Associação Galega da Língua.

GERBERT, Manfred. 1970. *Besonderheiten der Syntax in der technischen Fachsprache des Englischen*. Linguistische Studien. Halle an der Saale: Max Niemeyer Verlag.

GÖPFERICH, Susanne. 1995. *Textsorten in Naturwissenschaften und Technik. Pragmatische Typologie – Kontrastierung – Translation*. Tubinga: Gunter Narr.

- HAMPEIS, Z. 1959. Alguns problemas do infinitivo conjugado no português. *Boletim de Filologia*, 18: 177-194.
- KLOSS, Heinz. 1978. *Die Entwicklung neuer germanischer Kultursprachen seit 1800*. Düsseldorf: Pädagogischer Verlag Schwann.
- KÖHLER, Claus. 1980. Syntaktisch-stilistische Besonderheiten deutscher naturwissenschaftlich-technischer Fachtexte. Em G. Neubert (org.). *Textgattungen der Technik. Praktische Hinweise für den Übersetzer*: 9-28. Berlin: Vereinigung der Sprachmittler der DDR.
- MASA VÁZQUEZ, Xosé María, Belén FORTES LÓPEZ et al. 1995. *Vocabulario de Matemáticas. Galego-Español-Inglés-Portugués*. Santiago de Compostela: Serviço de Normalização Lingüística da Universidade de Santiago de Compostela.
- MÖHN, Dieter e Roland PELKA. 1984. *Fachsprachen. Eine Einführung*. Tübinga: Max Niemeyer Verlag.
- SAGER, Juan C., David DUNGWORTH e Peter F. McDONALD. 1980. *English Special Languages. Principles and Practice in Science and Technology*. Wiesbaden: Oscar Brandstetter Verlag.
- SCHMIDT, Wilhelm. 1969. Charakter und gesellschaftliche Bedeutung der Fachsprachen. *Sprachpflege*, 18: 10-20.
- STOLZE, Radegundis. 1999. *Die Fachübersetzung. Eine Einführung*. Tübinga: Gunter Narr.